

JUSTUS EBERT

Os I. W. W. na Teoria e na Prática

*Os fins dos I. W. W., são:
Dar aos trabalhadores uma
forma de organização que os
torne invencíveis . * * * * **



1922

—
Editado pela TEXTIL WORKERS UNION

(UNIÃO DOS TRABALHADORES TEXTIS)

NEW BEDFORD — MASS.

U. S. A.

DEP. LEG.

OS

I. W. W.

NA

TEORIA E NA PRÁTICA

POR

JUSTUS EBERT



R. 82560



Editora: Textil Worker Union

(UNIÃO DOS TRABALHADORES TEXTIS)

U. S. A. — New Bedford — Mass.





COMPOSTO E IMPRESSO
NA
IMPrensa DE MANUEL LUCAS TORRES
Rua do Diário de Notícias, 61

PREFÁCIO

Este livro tem por fim fazer compreender ao leitor, numa linguagem tão simples quanto possível, o que são os *Industrial Workers of the World* (Trabalhadores Industriais do Mundo), mais conhecidos pelas suas letras iniciais I. W. W.

Intitula-se «Os I. W. W. na Teoria e na Prática», porque procura dizer em poucas e curtas páginas, tudo quanto os I. W. W. defendem, as razões porque assim procedem, o que teem feito e o que estão fazendo para realizarem as suas aspirações.

Tanto na teoria como na prática os I. W. W. sustentam a idéa de que, sendo os trabalhadores industriais do mundo quem põe em movimento todas as indústrias do mundo, são eles também quem as deve possuir e administrar.

Os acontecimentos mundiais estão forçando os trabalhadores industriais do mundo a irem para a frente. Mostram que o sucesso dos governos e das guerras depende dos homens e das mulheres que trabalham nas minas, nas fábricas, nas oficinas, nos escritórios, nos bancos, nos campos, nos caminhos de ferro e nos navios. Estes acontecimentos estão ainda fazendo mais. Estão fazendo com que sejam praticados, em muitos lugares e por diversas formas, os princípios dos I. W. W., justificando assim a sua solidez.

Não é necessário recordar a Rússia ao leitor. Na terra do ex-tsar, o princípio da posse, direcção e administra-

ção pelos trabalhadores é a base duma nova ordem social. Não é também necessário lembrar os U. S. A. (Estados Unidos da América). Por exemplo, o plano Plumb, com a sua parte na direcção dos caminhos de ferro pelos ferroviários. É este um dos muitos acontecimentos que mostram que este país se vem tornando I. W. W. não só na teoria mas também de facto.

Os I. W. W. fizeram conhecidos os princípios da posse, direcção e administração pelos trabalhadores, antes da guerra ter forçado a Rússia a introduzir estes princípios e antes do plano Plumb lhes conceder tomar parte. Além disso, os I. W. W. trabalharam por eles, sofreram por eles, ainda mais, morreram por eles ! Os I. W. W., organizando os trabalhadores em uniões industriais e fazendo greves industrialmente, mostram claramente como esses princípios podiam ser introduzidos. A história do mundo — a história americana — justifica agora os I. W. W. !

«Os I. W. W. na Teoria e na Prática» deviam, por todas estas razões, merecer a atenção dos trabalhadores de toda a parte. Ajudá-los há a compreender em que se apoiam os I. W. W. — em resumo, o que isto significa.

Ajudá-los há a compreender, não só os I. W. W., mas também a sua própria posição no mundo de hoje — os seus próprios destinos e como dirigí-los ; as suas próprias aspirações e como realizá-las.

Leitor, não destruas este livrinho. Passa-o aos teus camaradas trabalhadores onde quer que estejas empregado. E' o vosso livro. E' o livro deles. E' o livro dos trabadores industriais do mundo — da classe trabalhadora do mundo !

OS I. W. W.

NA

TEORIA E NA PRÁTICA

I

Os I. W. W. e as suas bases

Uma das grandes características dos I. W. W. é a maneira como continuam a viver a despeito de toda as tentativas para os destruir. Ganham novo vigor em face da tentativa de destruição. Wm. D. Haywood, diz bem: «A história dos I. W. W. tem sido escrita com gôtas de sangue». Ele podia ter acrescentado: «E também corrigida e aumentada».

Organizados em Chicago, em Junho de 1905, os I. W. W. tem desde então sido submetidos a todos os ultrages e desumanidades. Os seus membros tem sido linchados, assassinados, alcatroados e queimados, deportados, esfomeados, agredidos, despojados dos seus direitos de cidadãos, exilados, as suas casas invadidas, apreendidos os seus documentos propriedade particular. Tem-lhes sido negado o privilégio de defesa, exigidas exorbitantes fianças, sujeitos á servidão obrigatória, raptados, punidos cruel e injustamente, encarcerados e injustamente acusados, ex-

cessivamente multados. Teem morrido nos cárceres esperando julgamento, levados á loucura pela perseguição, tem-se-lhes negado o direito da correspondência, liberdade de palavra, de imprensa e de reunião. Tem-se-lhes negado todos os privilégios garantidos pela «Carta de Direitos» (Bill of Rights) e todos os direitos proclamados pela «Declaração de Independência» — Vida, Liberdade e Procura de Felicidade.

Repetidas vezes teem sido ilegalmente assaltados os centros, escritórios e sédes principais dos I. W. W. Repetidss vezes teem sido ilegalmente apreendidos livros, folhetos, selos, literatura e mobiliário propriedade dos I. W. W. Muitas vezes teem as organizações e os membros dos I. W. W. sido maliciosamente difamados e perseguidos. A imprensa, púlpito, organizações «trabalhistas», elementos socialistas — e mesmo anarquistas (?) e sindicalistas (?) — teem tentado destruí-los.

Capitalismo — Segredo do desenvolvimento dos I. W. W.

Ainda, apesar de todos eles, os I. W. W. crescem em número e em organização. Onde outras organizações teriam perecido, esta floresce! O que é ainda mais importante: desenvolve se como uma idea, um espirito, uma influéncia, energia e fôrça, que afecta grande número de trabalhadores que estão fora dos seus organismos — dirige as suas accções e prepara as suas aspirações; de facto, desenvolve e eleva-lhe o seu poder de consciéncia, não só nos U. S. A., mas tambem no estrangeiro.

¿ Como se explicam êstes factos impressionan-

tes ? ; São imortais os princípios dos I. W. W. ? ; Poderão eles só por si fazer possível salvar a civilização da guerra e da derrocada devidas á avidez e corrupção dos usurários e capitalistas dos nossos dias ? ; Fornecerão eles, só por si, os meios de facilmente mudar a velha ordem existente para uma nova ordem social ?

Deixemos os factos referentes á constante renovação da organização dos I. W. W. e a aplicação dos seus princípios por todo o mundo, responder a estas perguntas. Procuremos tambem outra resposta em qualquer outra parte. Procuremos uma resposta no desenvolvimento do capitalismo dos nossos dias. Certificar-nos hemos de que os I. W. W. são consequência do sistema capitalista.

Como tal, eles só podem ser destruidos quando o fôr êste sistema. Matai o capitalismo e matareis os I. W. W. Vice versa, continue o capitalismo cada vez mais vigorosamente, e cada vez enriquecerá mais o solo onde florescem os I. W. W.

O que é o Capitalismo — Cooperação de muitos para proveito de poucos

Quando falamos em capitalismo queremos nos referir especialmente ao presente sistema da indústria. O professor Mc Vey, no seu livro «Industrialismo Moderno», define a indústria moderna como um conjunto de homens, máquinas e capital para produzirem mercadorias. Uma mais simples definição seria «conjunto de trabalho e capital», porque os homens representam o trabalho e as máquinas o capital. O que Mc Vey pretende com a sua definição é apresentar o trabalho

(homens, mulheres e crianças), capital fixo (terra, edificios, máquinas, etc.) e capital móvel (dinheiro e crédito) como elementos importantes da indústria moderna.

A' indústria moderna chama-se também capitalismo, porque o capital nela empregado pertence a certos individuos chamados capitalistas, os quais se servem d'ele para explorarem o trabalho em seu proveito próprio. Além disso, também se chama escravidão do salário, porque os capitalistas só dão ao trabalho uma parte do que ele produz, sob a forma de salário, subordinando os trabalhadores á classe capitalista. Graças á introdução e extensão do uso das máquinas, impulsionadas pela força e desenvolvendo inteligência e trabalho, a indústria moderna é também chamada produção mecânica.

Na indústria moderna, as matérias primas são tiradas da terra, passadas por altos fornos, fieiras e fábricas onde são transformadas em artigos de venda, e distribuidos em seguida pelos mercados nacionais e estrangeiros por meio das agências comerciais, caminhos de ferro e navegação. Todas as transações são possíveis e facilitadas por meio do dinheiro e pelo crédito — pelos bancos e operações bancárias. De forma que a indústria moderna é um trabalho conjunto de agricultura, exploração de minas, florestas, manufacturas, transportes, comunicações, comércio e finança. Sem a cooperação constante de milhões de trabalhadores empregados nestas várias subdivisões não pode haver indústrias no sentido moderno.

Desenvolvimento do Capitalismo Moderno

Antes da moderna indústria não havia os grandes aglomerados de trabalho e capital em proveito do capitalismo, nem havia grandes maquinismos. O que mais prevalecia eram operários proprietários que se utilizavam de todos os produtos, e em geral o que predominava eram as ferramentas manuais e a habilidade. Gradualmente foram aparecendo as firmas, sociedades comerciais, as corporações e os «trusts», que absorviam todo esse trabalho produzido, consolidando os tipos industriais que os precederam. Tudo isto foi devido à invenção e introdução das máquinas, que dispensavam os trabalhadores e os artífices, requerendo mais capital do que aquele que cada indivíduo possuía e era preciso arriscar. Daí nasceu também a necessidade de juntar os pequenos capitais de muitos para conseguirem um grande capital. Onde pela primeira vez foi fornecido o capital necessário aos comerciantes, aí surgiram as bolsas e operações bancárias, favorecidas pelos bancos, companhias e «trusts», instituições fiduciárias como as companhias de seguros de vida, tudo dominado pelos grupos bancários por sua vez sujeitos a alguns grandes capitalistas e financeiros.

Os «trusts» e os impérios industriais

Algumas das grandes associações de capital reúnem em si mesmas todas as sub-divisões da indústria moderna. Possuem e administram as suas próprias terras, minas, depósitos de minerais, poços de petróleo, florestas, comunicações, companhias de navegação, caminhos de ferro, agên-

cias de venda, bancos, etc. — todos empregando dezenas de milhares de trabalhadores salarizados, de todas as especialidades e aptidões, desde a superintendência executiva e desenvolvimento inventivo, até ao mais simples trabalho. Onde, noutro tempo, numerosas corporações independentes desempenharam estas diversas funções em concorrência umas com as outras, estão agora concentradas e substituídas por estas grandes agrupações.

Um exemplo notável desta espécie de organizações é a *United States Steel Corporation* (Corporação do Aço dos Estados Unidos). Organizada em 1902, o seu capital, no primeiro ano, era de 1.383.000.000 dollars. Desde então o capital aumentou para 1.451.000.000 dollars. O relatório de contas da corporação, de 1918, mostrou que ela possui 124 altos fornos, 334 fornos de lar aberto, 38 convertedores bessemer, 313 vapores e barcaças, 61.999 vagões, 1.421 locomotivas, 3.721 milhas de caminho de ferro e 1 bilião de toneladas de minério de ferro. O total do activo da corporação do aço aumentou um bilião de dollars desde a sua fundação. No presente momento atinge 2.572 milhões de dollars. Em 1918, os seus depósitos nos bancos eram aproximadamente de 200 milhões de dollars, quase tudo em bancos a ela pertencentes e por ela administrados. As propriedades, agências, etc., do «trust» do aço estão situadas e espalhadas, por todos os estados da união, estendendo-se por todos os países civilizados do globo, particularmente nos países da América do Sul. A *U. S. Steel Corporation* tem sido muito apropriadamente apelidada «Um Império Industrial».

Onde os «trusts» não possuem nem administram

todas as agências de fornecimentos ou de distribuição, como acontece com a «combinação de embalagens», que não possui granjas do país, ou o «trust» do carvão, que não possui os estabelecimentos intermediários ou depósitos dos retalhistas, estas agências estão tão dependentes das grandes organizações que é como se a elas pertencessem, sendo incapazes de existirem sem elas. Esta situação era ainda desconhecida neste país há 50 anos, o começo do movimento dos «trusts» só se observou pelo ano de 1880.

As combinações capitalistas vão-se expandindo em todas as direcções. Métem-se no comércio a retalho, como no caso dos interesses do «trust» do tabaco, mantidos pela *United Cigar Stores C.^o* (Companhia Unida dos Depósitos de Charutos) e a *Liggett-Riker Hegeman Drug Stores* (Depósitos de Drogas Liggett-Riker Hegeman) e os *Childs Restaurants* (Restaurantes de Crianças), que são sustentados pelos interesses da *Standard Oil* (Companhia Petrolífera). Estes estabelecimentos estão-se agora preparando para pôrem em prática a idéa de tomarem á sua conta a venda a retalho de cutelarias, panos, etc. Para êste fim, estão comprando e desenvolvendo as companhias manufactureras destes produtos.

Os «trusts,, não são patriotas — Abraçam todo o mundo

O caracter internacional do desenvolvimento das «nossas» colossais combinações do capital pede a nossa atenção imediata. Um exemplo nos é dado no relatório da *Federal Trade Commission* sobre as «Grandes Cinco» combinações das carnes para expedição. Segundo êste relatório, Ar-

mour, Morris, Wilson, Swift, e Cudahy, breve terão na mão a alimentação do mundo. Estes cinco negociantes dirigem 574 companhias, teem interesses em mais 188, e negociam em 775 artigos. Teem o monopólio das carnes e exploram a criação de gados na América do Sul, a cultura do chá no Oriente, e a fabricação de licor de uvas no Estado de Nova York. Na Europa, teem inúmeras sucursais. Todas as tentativas para as submeterem aos regulamentos teem falido, e o govêrno tem sido acusado de conluio com elles para manterem os altos preços dos alimentos em todo o mundo. O seu poder é local, nacional e internacional.

Há ainda a *Standard Oil C.^o* (Companhia de Petróleo), de Nova Jersey, que possui numerosos jazigos petrolíferos e treze refinarias — sete nos Estados Unidos, quatro no Canadá, uma no México e uma no Perú; as suas tubagens cobrem muitos estados; possui fábricas de barris de ferro, e outro vasilhame de folha, fábricas de tubos, de colas, etc.; tem uma frota transatlântica de 54 navios; tem sucursais e mercados de máquinas na América Central, na América do Sul, nas Índias Ocidentais, na Inglaterra, na Itália, na França, na Alemanha, na Roumania e na África do Sul. Há alguns anos invadiu a China e encarregou-se de explorar os seus campos de petróleo de sociedade com o Império então existente.

Estas indicações mostram que a indústria actual não é nada patriótica. Abraça todos os países do mundo. Torna uniformes as condições por todo o mundo. É pior, nas suas monótonas tendências, do que aquilo que dizem ser o comunismo.

Todo o mundo transformado numa grande indústria

A natureza mundial da indústria moderna foi patenteada no começo da guerra mundial.

Na sua carta de Setembro de 1914, o Banco Nacional da cidade de Nova York, o maior neste país, e uma instituição concorrente da Standard Oil, descreveu as ruínas então causadas, nestas verdadeiramente expressionantes palavras :

Todo o mundo tende a tornar-se uma comunidade com idênticos interesses e com um estado de interdependência semelhante ao que existe num simples país. Há poucas semanas os homens estavam comprando e vendendo, emprestando e pedindo, fazendo contractos e planos, sem prestarem atenção ás fronteiras nacionais, quando de repente foi despeçado todo o sistema de cooperação. As fábricas deixaram de receber as matérias primas que costumavam empregar, os mercados deixaram de receber das fábricas, os consumidores ficaram impossibilitados de adquirir géneros, e milhões de homens foram afastados das indústrias que mutuamente se auxiliavam para se defrontarem como inimigos mortais. Uma explosão de paixões primitivas, num canto da Europa, arruinou a estrutura penosamente criada da civilização moderna.

As fases do desenvolvimento da indústria moderna são numerosas e interessantes. Na primeira, conhecida pela idade da concentração, o «trust» concentrou muitas corporações numa só, assim como anteriormente já estas corporações tinham unido muitas companhias. Na segunda fase, conhecida pela idade da integração, muitos «trusts» foram obrigados a reunir-se em simples unidades. Na terceira fase, conhecida como período de dominação estatal para fins guerreiros,

todas as organizações foram mais fortemente solidificadas, desenvolvidas e financeiramente auxiliadas sob o patrocínio e superintendência federal. O estado ainda exerce o seu patrocínio e superintendência, que tendem a declinar. No seu lugar surgem as associações por meio das quais as grandes combinações actuam conjuntamente sob uma direcção e administração particular. *The American Institute of Steel and Iron* (Instituto Americano do Aço e do Ferro), por exemplo, é o nome sob o qual se reúnem todas as combinações do aço e do ferro para regularizarem os preços e discutirem os problemas com proveito para eles. Da mesma maneira, é o *Foreign Trade Export Council* (Conselho de Exportação Comercial para o Estrangeiro) uma associação que representa para mais de quatro milhões de capital interessado em assegurar mercados estrangeiros. Menos elucidativa é a *United States Chamber of Commerce*, (Câmara do Comércio dos Estados Unidos), que engloba todas as corporações e associações, pequenas ou grandes, principalmente para defesa e melhoramentos internos.

O «trust» do dinheiro — O «trust» dos «trusts»

Mas acima e por cima de todas estas organizações, unindo e defendendo os seus interesses, estão os grupos de banqueiros Morgan-Rockefeller. Estes, dirigindo a finança, são os factores dominantes na indústria moderna neste país. O capital estratégico do país — a terra, florestas, recursos minerais, manufacturas, caminhos de ferro, telegrafos, telefones, viação, luz, calor e energia, navegação, bancos, são seus por direito de propriedade e administração.

Louis Brandeis, no seu livro *Other People's Money, and How the Banks Use It* (O Dinheiro dos Outros e Como os Bancos o Utilizam), mostra como a finança está concentrada e como o crédito total do país é explorado pelos grupos aliádos dos banqueiros particulares dirigidos por Morgan-Rockefeller. O presidente Wilson, quando governador, declarou em 1911:

«Uma grande nação industrial é dominada pelo seu sistema de crédito».

O enorme dominio do «trust» do dinheiro

Brandeis cita o relatório do comité Pujo, sob o «trust» do dinheiro. Este comité verificou que os grupos aliádos Morgan Rockefeller, de banqueiros particulares, possuíam:

Ao todo, 341 directorias em 112 corporações tendo recursos ligados ou capitalizações de 22.245 milhões de dollars.

Vinte e dois biliões de dollars é uma soma importante — tão importante que temos dificuldade em atingir a sua significação. O espírito concebe uma medida por meio de comparações. Com o que podemos nós comparar vinte e dois biliões de dollars? Vinte e dois biliões de dollars é mais do que três vezes mais o valor colectavel de toda a propriedade, real e pessoal, de toda a Nova-Inglaterra.

E' cerca de três vezes o valor colectavel de todo o verdadeiro estado da cidade de Nova York. E' mais do que duas vezes o valor colectavel de toda a propriedade dos treze estados do sul. E' mais do que o valor colectavel de toda a propriedade dos vinte e dois estados, do norte e do sul, que existem a oeste do Mississipi.

Brandeis julga que isto «representa a exten-

são da concentração afectada pelos grupos secretos dos «Trusts» do Dinheiro» (Págs. 33-35).

A guerra alarga o poder do “trust,” do dinheiro

Estas palavras foram escritas em 1914, antes do estabelecimento do *Federal Reserve Bank*. (Banco de Reserva Federal. Mas como este banco é propriedade dos seus acionistas, compostos por membros do banco, o poder dos grupos Morgan-Rockefeller nas finanças do país ficou inalterável. A guerra aumentou e estreitou este poder. Fez com que o país em vez de pedir emprestado passasse a emprestar, e fez da Wall Street, de Nova York, a rival de Lombard Street, de Londres, como centro financeiro do mundo. Nove biliões de dollars são agora devidos pela Europa aos senhores da finança deste país, que primeiramente eram quem devia dois biliões em acções e obrigações.

Os grupos Morgan são governamentais, banqueiros internacionais, com sucursais na Inglaterra e na França. Negociaram os grandes empréstimos e compras feitas pelos aliádos neste país durante a guerra, amontoando biliões de lucros. Mr. Frank Vanderlip, do grupo da *Standard Oil*, foi o conselheiro financeiro do presidente Wilson. O seu grupo representa o novo tipo dos financeiros industriais e internacionais. Pretendem exportar capital e estabelecer corporações por todo o mundo. Para este fim fundaram a *International Banking Corporation* (Corporação Bancária Internacional). O capital nominal é de 50 milhões de dollars. Dispõe actualmente de biliões administrados por corporações e bancos.

As relações mundiais do «trust» do dinheiro

Durante a guerra a imprensa noticiou uma reunião de banqueiros internacionais que se realizou num país neutral com o fim de tentar acabar com a guerra. A situação, contudo, não pode ser dominada por eles. Agora Vanderlip propõe uma comissão internacional de banqueiros para auxiliar financeiramente a Europa e salvá-la da ruína e do bolchevismo.

¿ Falhará, também, esta tentativa ?

Segundo a indicação de Vanderlip, apareceu uma notícia de que os mais poderosos grupos de banqueiros no mundo, dirigidos por J. P. Morgan & C.^o, de Nova York, incluindo os banqueiros ingleses e franceses, ao lado doutras firmas americanas, se tinham organizado para proteger os «direitos dos estrangeiros compradores de fundos no México». Estes grupos eram também a causa do problema russo, com a sua guerra disfarçada, bloqueio e tentativa de destruição da República Sovietista.

Depois da guerra a imprensa noticiou muitas conferências de financeiros internacionais neste país, com o fim de rehabilitar a Europa e assegurar o domínio do capitalismo sobre todas as nações do mundo.

Estes factos mostram como uma nação sem «trusts», os Estados Unidos, se tornaram em cinquenta anos, uma nação de «trusts», que são dominados por um «trust» dos «trusts», o «trust» do dinheiro, que opera unido com os «trusts» do dinheiro das outras nações. Todas estas nações são, por sua vez, dominadas por este assombroso

«trust» internacional — esta oligarquia financeira do mundo,

Tal tem sido o moderno desenvolvimento industrial.

Efeitos da moderna revolução industrial

A moderna revolução industrial, das pequenas ás grandes indústrias, do isolamento nacional ás ramificações internacionais e á dominação financeira, foi acompanhada por outras revoluções no país e no estrangeiro. A população foge dos campos para a cidade. Os proprietários rurais mudam, os arrendamentos das terras e os trabalhadores aumentam. A independência industrial dá margem á servidão, e o trabalho individual ao exército industrial. Mesmo as oportunidades para as corporações desaparecem. As condições são incertas; o trabalho periódico e a falta de trabalho aumenta. A pericia declina; os sem casa, os errantes, os trabalhadores inhábeis fazem o seu aparecimento. A riqueza concentra-se; a cobrança da corção sobre a riqueza do país amontoa-se. Dezenas de milhões estão na pobreza. Os preços das coisas estão muito por cima dos salários. A crise torna-se mais séria e ameaçadora. Veem as guerras; a civilização está perdida e o cataclismo social parece próximo.

A população amontoa-se nas cidades

Em 1800, quatro por cento da população vivia em seis cidades americanas tendo uma população de mais de 8.000 habitantes. Em 1910, 46,3 por

cento vivia em cidades e capitais de mais de 2.500 habitantes. Um por cincoenta dos habitantes dos Estados Unidos viviam, em 1910, em Nova York e seus subúrbios. As herdades deixaram de atrair ; são as necessidades da industria que atraem.

Os fazendeiros independentes desaparecem, aparecendo a corporação dos fazendeiros

O censo de 1914 acusa 12.659.000 pessoas ocupadas na agricultura. Dêste número, mais de metade são trabalhadores. Da outra metade, de dois a três milhões são arrendatários.

As propriedades agricolas alargam-se. Em 1900 havia 47.160 herdades de 1.000 acres cada, ou mais. Em 1910, o número aumentou para 50.135. Apareceram os ranchos das corporações, como o do Taft C.^o. Esta herdade abrange 150 milhas quadradas do Texas. Nela há casas de encaixotamento, descaroçoamento do algodão, fabricação de gêlo, casas de máquinas, fabricação da luz electrica. Os trabalhadores vivem em casas da companhia e compram nos armazéns da companhia. E' empregado na herdade o sistema das fábricas.

A corporação das herdades desenvolver-se-há mais no futuro. Os arrendatários aumentam com o aumento do valor da terra e com o capital requerido. Estes, juntamente com os prêços elevados, estão obrigando os grandes capitais a voltar-se para a agricultura como seu próximo campo de conquista.

A oportunidade industrial desaparece

A maneira como a independência industrial tem sido substituída pela servidão, mostra-se com os seguintes números e factos: a *United States Steel Corporation*, emprega 68.000 pessoas; a *General Electric C.^o*, 75.000; a *Ford C.^o*, 60.000. Os exércitos tomam o lugar dos indivíduos, sob o domínio da corporação dos patrões. A política desta última é de paternalismo, levemente modificada pela organização sindical, ou pelo receio dela.

O censo de 1914 acusa 8.263.153 pessoas como número total empregado nas indústrias manufactureiras. Apenas 61 por 1.000 são proprietários e empregados, 88 por 1.000 são escriturários e outros empregados salaríados subordinados. Os restantes 851 são assalariados. Na indústria ferroviária, o número de empregados é de 1.710.296. O número de funcionários superiores é de 5.750: o de outros funcionários é de 11.153; e o de empregados de escritório é de 87.106. Isto é, o número de funcionários superiores e menores é de 10 por 1.000 ou de um por cento. Estes números mostram qual o sucesso que um operário pode ter em ser empregado numa indústria ou no caminho de ferro, ou mesmo em vir a ser um funcionário ou escriturário.

O emprêgo irregular e o desempregô aumentam

Os trabalhadores nem sequer teem um emprêgo regular. Na região da baía de San Francisco, durante o ano de guerra, 1918, catorze estabelecimentos com 14.083 empregados permanentes admitiram durante o ano 32.489 pessoas; 4.000

trabalharam uma semana ou menos ; 53 por cento estiveram no trabalho por menos de três meses. Nos depósitos de Chicago, 25 por cento dos empregados estão nalguns deles sem trabalho durante todo o ano. Estas «voltas» do trabalho são típicas, especialmente nas grandes corporações. O exército do trabalho casual, dos sem-trabalho, deve ser grande pelas suas necessidades fluctuantes.

Em 1914, justamente antes da guerra europeia, o número dos sem-trabalho atingia de dois a cinco milhões. Agora que a guerra abrandou e deixou ao capitalismo pelo menos 20 por cento mais produtivos do que antes, o número dos sem-trabalho aumenta outra vez. Ameaça vir a ser sem precedentes.

O aumento dos trabalhadores inhábeis e errantes

A maior parte dos trabalhadores tende a tornar-se inhábil. Isto é devido á mecânica e á minuciosa aplicação das tarefas que ela permite. Técnicos experimentados favorecem todo êste processo. O professor Hoxie, em um dos seus livros, cita o caso de um técnico de uma fábrica se oferecer para lhe ensinar uma certa parte dum processo em trinta minutos.

Este admite os trabalhadores inhábeis dos campos, mulheres e crianças, na oficina de máquinas e nos escritórios da corporação. E' por causa disto que os homens fogem de indústria para indústria, de cidade para cidade. Isto faz o trabalhador inter-industrial e um «vagabundo», isto é, um trabalhador errante.

Abundam a má nutrição, o enfraquecimento físico e outros males

Consideremos alguns outros efeitos do capitalismo na vida social moderna. O dr. Thomas Wood afirma que pelo menos 20 por cento de todas as crianças das escolas americanas, ou 4.500.000, sofrem por falta de nutrição. O dr. R. P. Emerson, uma autoridade de Boston, diz que as crianças mal alimentadas são pelo menos uma terça parte das crianças de todo o país. O capitalismo alimenta-as mal e mata as á fome. Um relatório do general preboste-mór, Crowder, mostra que 3.208.446 homens foram examinados pelas juntas de recrutamento. Sob exigências muitíssimo modificadas, 621.606 homens, ou uma sexta parte do número examinado, foram rejeitados por inteiramente incapazes para servirem no exército. O capitalismo conduz á deterioração física.

Calcula-se haver falta de mais de um milhão de habitações nos Estados Unidos.

As rendas em todas as grandes cidades, estão aumentando constantemente. Em média, esses aumentos são de 50 a 60 por cento posto, que haja casos em que os aumentos tenham sido do dôbro ou do triplo. As greves de inquilinos são agora uma característica da vida da cidade. Outro tanto acontece com as greves contra o aumento de preços de géneros alimentícios, das carreiras da viação, especialmente contra a introdução do sistema de zonas. O capitalismo produz incessantemente a desordem.

Os preços são mais elevados do que os salários

Durante os últimos vinte anos os preços dos géneros alimentícios tem aumentado incessantemente.

O *Annalist*, de Nova York, publica uma lista de preços de vinte e cinco artigos essenciais dando ao mesmo tempo um orçamento médio de uma família. Os números dos preços em 1890, eram de 109.252; em 1896, de 80.096; em 1914, de 146.069; e em 8 de Março de 1919, de 287.461. Isto quer dizer que os preços dos géneros, em Março de 1919, eram duas vezes mais elevados do que em 1890, e mais do que três vezes e meia mais do que em 1896.

Eduardo Bouton Júnior, compara assim o aumento dos preços segundo os números do *Annalist*: Um dollar comprará agora apenas 26,6 por cento do necessário para viver, do que comprava em 1896. Perdeu 73,4 por cento do seu valor de compra em vinte e três anos, ou 3,19 por cento em cada ano.»

Outros preços mostram a mesma tendência em todo o mundo. Neste país, a média de preços aumentou 84 por cento, enquanto na Inglaterra aumentou cerca de 64 por cento de 1896 a 1914, nos chamados anos normais.

O *U. S. Department of Labor* (Departamento do trabalho) calcula que desde 1914, na cidade de Nova York, o custo da vida aumentou 103,8 por cento, até Dezembro de 1919.

A *Industrial Conference Board*, (Junta Industrial) mantida por interesses corporativos, afirma que tem havido um aumento adicional de 7 por cento neste país, até ao fim de Março de 1920.

Um salariado da cidade de Nova York, recebendo 5 dollars por dia em 1914, se vivia bem há cinco anos, devia agora receber 10,55 dollars pelo seu dia de trabalho. As uniões operárias de Nova York afirmam que estão ainda relativamente pior do que isto, porque os salários não foram aumentados na mesma proporção dos preços.

Byron W. Holt, na sua conferência em Chantqua, em 13 de Julho de 1914, sobre «As Causas fundamentais da alta de preços», diz o que segue a respeito dos preços e das uniões operárias: «Se as uniões operárias fôsem um factor importante na alta de preços devíamos esperar ver os salários subirem mais rapidamente do que os preços. Pelo contrário, a média dos salários tem subido somente cêrca de metade do que os preços das coisas tem subido durante os últimos dezóito anos. Os preços sobem pelo elevador, enquanto os salários trepam pela escada».

Poucos recebem o necessário salário mínimo

Apesar da guerra, os salários não mostram para os trabalhadores grandes aumentos sôbre a média dos ante-guerra. As indústrias de Massachusetts, em 1917, empregavam 530.890 homens. Pois só 13,5 por cento recebia uma média de salário anual de 1.300 dollars, que é o considerado necessário para uma família de cinco pessoas. A maioria recebia menos do que 20 dollars por semana. Na indústria do calçado dos Estados Unidos, o grande todo dos trabalhadores masculinos pouco hábeis, recebiam, em 1919, só 16 dollars por semana. Isto é, um pouco mais de metade do

que o salário mínimo para uma família. No distrito de Columbia, três quartas partes das mulheres empregadas nas indústrias de impressão trabalhavam por menos do que os 16 dollars por semana, o mínimo calculado para as mulheres viverem neste distrito. Ellis Searles, editor do *Mine Worker's Journal*, declara que de Outubro de 1918 a Outubro de 1919, os 90.000 mineiros do Illinois, ganharam em média 800 dollars cada um; os 27.000 mineiros da Indiana, ganharam aproximadamente o mesmo; os 42.000 mineiros do Ohio, aproximadamente 700 dollars e os 45.000 mineiros da Pennsylvania cerca de 750 dollars cada um. Isto num «bem próspero ano». São estas as demonstrações típicas.

A riqueza concentra-se cada vez em menos mãos

Consideremos que as receitas líquidas dos Estados Unidos foram de trinta e cinco bilhões, em 1915, e de setenta e três bilhões em 1918 — um aumento superior a 100 por cento. ¿ Para onde vai tudo isto? De uma população total de cerca de 102 milhões, menos do que meio milhão de indivíduos pagaram impostos em 1916.

Basil Manly, num artigo escrito, em 22 de Dezembro de 1918, para o *Newspaper Enterprise Association*, declara:

O facto bem claro é que a riqueza nos Estados Unidos se está concentrando nas mãos de um pequeno número de famílias, menos do que uma quinagéssima parte de um por cento de **toda** a população, numa proporção lunca atingida.

Em 1910, dois por cento da população dos Estados Unidos, possuíam 60 por cento de toda a ri-

queza. Hoje o que é certo é que estes dois por cento possuem e administram pelo menos 70 por cento da riqueza e recursos da nação.

Harry H. Klein, Comissário Adjunto dos Guarda-livros, num recente artigo intitulado «¿ Que devemos nós fazer com a fortuna de Rockefeller », declara :

John D. Rockefeller passou há pouco o seu oitenta aniversário e expressou a esperança de que poderia viver cem anos. Mr. Rockefeller tem uma fortuna calculada excedente a dois biliões de dollars. Os seus lucros anuais estão calculados em mais de cem milhões de dollars. Se viver vinte anos e se continua a sua média de acumulação, possuirá aproximadamente **quatro biliões de dollars.**

As Corporações levam toda a produção de riqueza

Scott Nearing apresenta o saque dos capitalistas e das corporações sôbre a riqueza produzida pelos exércitos de trabalhadores, como segue :

Os impostos do último ano, 1917, acusam 4.469.901.354 dollars pagos por menos de 5 por cento da população adulta, em rendas, lucros e dividendos.

O negócio da guerra foi um bom negócio. O *Wall Street Journal* diz que, de 31 de Dezembro de 1914 a 31 de Dezembro de 1918, depois de grandes despesas com novas construções e compras e dividendos de transgressões, 104 corporações juntaram um total aproximado de 2 biliões de dollars ao seu capital móvel. Praticamente todo este aumento proveio de excesso de lucros.

Alem disso, os inventários mostraram que as propriedades destas 104 corporações tinham aumentado em valor, durante os quatro anos de guerra, 1.522 milhões de dollars (Artigos do Serviço Especial, n.º 30-31, Agosto 21-28 de 1919).

A guerra fez 17.000 milionários. Dezassete mil milhões de dollars é exactamente o mesmo que 17.000 000.000. E 17.000.000.000 é quasi a soma exacta levantada pelo primeiro, segundo, terceiro e quarto empréstimo da Liberdade.

Lucros excessivos durante e depois da guerra são a origem destes novos milionários. Estes lucros atingem, num caso, 290.999 por cento, como o da corporação do aço.

Basil Manly, no *Searchlight Magazine*, em Abril de 1920, declara que os lucros líquidos recebidos pelos capitalistas americanos durante a guerra foram eguaes ao capital-reserva de praticamente todas as indústrias manufactureiras dos Estados Unidos. Manly resume melhor quando diz :

Noutras palavras, é claro que se o governo nacional, no começo da guerra, tomasse á sua conta as indústrias essenciaes e ao povo americano tivesse sido pedido para pagar os preços que os manufactureiros particulaes e os comerciantes lhes exigiram, teria havido lucros suficientes para pagar todos os dollars do capital reserva, deixando hoje a nação na posse prática de todas as suas fábricas manufactureiras.

Scott Nearing declara ainda : «Segundo o Relatório Federal, 30 milhões de indivíduos estão vivendo na miséria, nos Estados Unidos.»

A concentração da riqueza e a pobreza — tal são os Estados Unidos de hoje, depois de cinquenta anos de capitalismo moderno.

Entrar nas guerras pelos mercados e por esferas de influênciã de capital

Juntas a estes extremos estão as guerras — nacional e guerra de classe. No seu discurso em

St. Louis, em 6 de Setembro, o presidente Wilson assegurou aos seus ouvintes que «os gérmens da guerra são as rivalidades industriais e comerciais.» «Esta guerra — referindo se á guerra mundial — é uma guerra industrial e comercial.» Esta guerra custou 186 biliões de dollars e a morte de 7.450.200 homens. A' América custou vinte e dois biliões. Foram chacinados mais homens do que durante 121 anos. (Telegrama de Washington, no *N. Y. Call*, 22 9-1919).

Esta guerra, precipitou ainda um cataclismo social trazido pelo bolchevismo, lançou as bases de futuras guerras. Mas mesmo que estes factos não estivessem presentes a guerra seria ainda uma certeza. A guerra de 1914-1919 veio adiante duma depressão económica mundial que deu advertência de uma revolução de classe. Hoje, o capitalismo, está caminhando para outra depressão, e é perseguido pelos receios revolucionários. E' compelido a aumentar os preços e a produção. Qualquer destes procedimentos aumenta os seus perigos. O aumento de preços aumentará o número de greves; o aumento de produção aumentará o número dos sem trabalho, e a desordem social. A nação é já um campo armado em guerra das classes. E' evidente demonstração disto a policia de Boston e as greves do aço, ¿Qual será o resultado? outra guerra, outro cataclismo social, outro bolchevismo.

A origem do anti-capitalismo

As condições produzidas pela indústria moderna dão origem a vários esforços tendentes á sua reforma e abolição, quer em parte ou no todo. Os fazendeiros, prejudicados pelos caminhos de

ferro, combinações e financeiros, organizaram ligas e movimentos dum governo de si próprios, pró-granjas, anti-monopolistas, anti-trust, não partidários e populares, a emissão livre de valores em notas e em prata. As classes médias, prejudicadas pela concorrência dos «trust», notando os seus excessos e tendências, defenderam o imposto único, as causas dos anti-«trust», anti-guerreiros, da emissão livre da prata, a posse do governo e da propriedade. Quanto aos trabalhadores, exigindo sempre mais intervenção nas indústrias e desejando emancipar-se do capitalismo e das suas guerras pela abolição do sistema, organizaram uniões de trabalhadores, partidos trabalhistas, associações internacionais de trabalhadores e uniões de indústria aspirando á reunião de todos os trabalhadores industriais do mundo para a posse das indústrias, pelos trabalhadores, na eminente queda da sociedade capitalista.

O desenvolvimento de todas as espécies deve brotar de dentro. O moderno desenvolvimento deve brotar de dentro da indústria moderna — a maior instituição na sociedade moderna — dos trabalhadores nela empregados. A oligarquia financeira internacional deve ser substituída pela solidariedade operária internacional, por meio da organização industrial internacional, que dão áquela os seus alicerces e a sua força.

Os trabalhadores do mundo cuidam das indústrias do mundo

Este desenvolvimento, como tudo indica, estende-se por todo o mundo. Os trabalhadores do mundo olham para as indústrias — para eles

— como libertadoras do mundo. E' este desenvolvimento que os I. W. W. anteciparam quando se organizaram em 1905. E' este desenvolvimento que torna os I. W. W. indestrutíveis como organização, faz deles um espirito e uma idea de hoje.

Os Trabalhadores Industriais do Mundo deixarão de existir quando terminar o capitalismo mundial e quando nascer a sociedade comunista dos trabalhadores.

II

Os precusores do I. W. W.

Os Trabalhadores Industriais do Mundo não saíram do nada, como os velhos deuses mitológicos. Nem são qual outro Topsy que cresceu sem jamais ter nascido. Os Trabalhadores Industriais do Mundo teem a sua origem e descendência no desenvolvimento económico moderno e nos seus efeitos. O presente sistema industrial capitalista e o movimento operário das passadas gerações são os seus autores. Os I. W. W. teem uma longa lista de defensores e estão orgulhosos da sua ascendência operária, tanto nacional como estrangeira.

Há justamente pouco mais de cem anos — ou em 1820 — que os Estados Unidos começaram a experimentar uma revolução industrial. Foi então que se operou a transformação da indústria caseira para o sistema de fábricas. Os transportes sofreram uma revolução com a introdução do barco a vapor e o desenvolvimento dos canais e

das estradas, as manufacturas começaram a exceder as velhas indústrias de navegação e comércio estrangeiro. Nesse tempo, por todas as vilas e cidades, se começou a desenvolver uma classe trabalhadora. Na Nova Inglaterra, os fazendeiros deixaram a terra passando-se para os centros têxtis; as filhas trabalhavam nas fiações. As velhas condições começaram a desaparecer para outras novas tomarem o seu lugar. Novos acontecimentos, novas distinções de classes e novos movimentos foram assim criados.

De 1820 a 1850, cresceu a revolução industrial. Foram introduzidos o tear mecânico, os altos fornos e a indústria de fundição de ferro, as coifeiras, as enfardadeiras, as máquinas de costura, os fósforos, as máquinas de impressão a vapor, o emprêgo da hélice nos barcos a vapor, o martelo pilão. Em 1826, começou o desenvolvimento do sistema ferroviário. A construção das locomotivas começou perto de 1830. A primeira linha telegráfica foi construída em 1844. A mudança foi rápida, momentânea.

Com a introdução destas invenções veio o alargamento das cidades, a instalação de mais fábricas, de companhias financeiras e uma maior divisão entre a classe capitalista e a classe trabalhadora. Foi durante este período que o moderno movimento operário primeiro apareceu neste país. Foi então que os trabalhadores das herdades e das terras distantes se reuniram em números sempre crescentes nas fábricas, vivendo juntos nos bairros das cidades exclusivamente ocupados por eles. Sob estas condições os trabalhadores tomaram consciência da sua existência como classe independente na sociedade e começaram a organizar-se e como tais a mostrar-se contra os

patrões e geralmente contra o novo sistema. Foi então que nasceram neste país os primeiros precursores dos I. W. W.

A política construtiva dos I. W. W.

Os I. W. W. acreditam em três coisas essenciais. Primeiro, no conflito de interesses entre o capital e o trabalho, isto é, na luta de classes. Segundo, na necessidade de uma organização trabalhadora feita em conformidade com a concentração industrial. Terceiro, na abolição do salariato ou sistema capitalista por meio de uma tal organização, e sob a pressão que acompanhe a provável queda do capitalismo. Os I. W. W. chamam a isto «construção duma nova sociedade dentro do invólucro da velha».

A política dos I. W. W. é construtiva, evolucionista. Saíu do sistema presente e cresceu fora dele. Através todo o movimento operário das passadas décadas, encontrar-se-hão teorias, aspirações e organizações tendentes para a mesma directriz geral que os I. W. W., sempre com maior claresa, definição e execução.

A luta de classes é uma doutrina americana

Não foi Carlos Marx nem Frederico Engels, mas Alexandre Hamilton e James Madison, grandes estadistas americanos, ambos eles, quem primeiro formulou a doutrina da luta de classes no solo americano. Sessenta anos antes dos dois grandes socialistas apresentarem ao mundo o «Mani-

festos Comunistas», já Hamilton e Madison estavam discutindo ante a convenção de Filadélfia, quanto às bases convenientes de governo para estabelecer a constituição dos Estados Unidos. Hamilton disse, em defesa do emprêgo por toda a vida e pela dominação governamental pelos fortes e pelos poderosos :

Todas as comunidades se dividem nos poucos e nos muitos. Os primeiros são os ricos e os bem-nascidos ; os outros são as massas do povo.

Madison foi ainda mais analista e específico no seu apêlo para um governo composto de todos os partidos, representante de todos os diferentes interesses, como meio de contrabalançar os extremos de autocracia e de democracia. Disse ele :

Aqueles que possuem e aqueles que não tem propriedades, tiveram sempre distintos interesses na sociedade. Um interesse sobre os bens de raiz, um interesse duma manufatura, um interesse mercantil, um interesse monetário, com muito menos interesses, brotaram das necessidades nas nações civilizadas e as necessidades dividem as nações civilizadas em classes diferentes, actuando por sentimentos e pontos de vistas diferentes.

Desenvolvendo «os menores interesses»

O desenvolvimento industrial que seguiu de perto a Convenção de Filadélfia, dividiu logo de comêço a sociedade na classe «dos poucos», chamada classe capitalista, e na classe «dos muitos», chamada a classe trabalhadora. Tendia, além disso, a consolidar os senhores da terra, da manufatura, do comércio e do dinheiro numa classe

poderosa, patronal, capitalista e financeira. Ao mesmo tempo, desenvolveu «os menores interesses» — entendendo por isso os interesses dos trabalhadores nas fábricas e nas oficinas — até se rem representados pelas grandes organizações operárias que se esforçam pela organização social oposta á da classe capitalista.

Nas primeiras organizações de trabalhadores, a luta de classe não era tão aparente e acentuada como actualmente. Por exemplo, a associação dos impressores de Nova York, fundada em 1808, admitia no seu seio tanto patrões como empregados. A Associação Tipográfica de Nova York, de 1831, contudo, tinha uma cláusula nos estatutos sob o qual era proibido aos seus membros salarizados o tornarem-se patrões. Achava-se que os patrões eram um obstáculo á acção progressiva com que eles pretendiam regular a organização dos seus próprios interesses. Finalmente, a brecha abriu-se demasiado quando, numa «Conferência aos Impressores Salarizados dos Estados Unidos», a primeira convenção nacional das associações tipográficas dêste país, declararam explicitamente: «Existe um antagonismo perpetuo entre o trabalho e o capital».

A mudança do trabalho de impressão manual para a impressão á máquina, da pequena propriedade individual para as grandes companhias financeiras senhoras dos estabelecimentos, foi, sem dúvida, a causa desta transformação de «pontos de vista e de sentimentos», para citarmos a linguagem de Madison.

A origem do trade Unionismo (sindicalismo)

Foi também durante êstes primeiros tempos que o trabalho desenvolveu as suas organizações de movimentos grevistas de curta duração para formas mais permanentes de unionismo. A primeira organização operária dêste país, pelo que se pode investigar pelos relatórios, foi a Associação Tipográfica de Nova York, organizada em 1795. Durou dois anos e meio. Tinha em vista aumentar os salários e melhorar as condições. Depois de ter começado a união de ofício, seguiu-se a organização duma união de ofícios, ou, como nós hoje dizemos, uma união operária central, ou federação, unindo todos os organismos da indústria local.

O professor John Commons (no seu livro *Organizações Operárias e Política Operária*, 1827-1837), declara: «O trade unionismo (sindicalismo) moderno, com força industrial e política, começou pela união das associações previamente existentes, dos diversos ofícios, para a formação dum organismo central sob o princípio representativo».

Logicamente, a fase seguinte foi a das uniões nacionais de ofícios e das associações de ofícios. Este novo desenvolvimento foi feito necessariamente pelo desenvolvimento extensivo das cidades, das indústrias, dos interesses e agressões capitalistas. Assim, foram as primeiras tentativas de organização, segundo as exigências do desenvolvimento industrial, inspiradas por esse próprio desenvolvimento.

«A abolição do sistema do salariato»

Disse-se acima que Hamilton e Madison formularam primeiro a doutrina da luta de classes no solo americano, sessenta anos antes de Carlos Marx e Frederico Engels. A este respeito pode ser de interesse saber se que a reclamação para «a abolição do sistema do salariato» é também originariamente americana.

Os factos, em defesa desta afirmação, são como seguem: Na cidade de Nova York, em 1830, dois irmãos ingleses, Jorge Henry Evans, e Frederico Evans, publicaram um jornal chamado *Young America*. A' cabeça trazia impressas doze reclamações. A décima dizia:

«10. Abolição da escravidão da propriedade privada e da escravidão do salariato.

Conservem na memória; isto foi em 1830! E, também, na cidade de Nova York!

Os irmãos Evans foram notáveis não só por se terem antecipado a Carlos Marx, mas também a Henry George. Exposeram teorias agrárias, semelhantes ás do «profeta de San Francisco», cinquenta anos antes dele ter ouvido falar nisso. As suas doze reclamações foram defendidas por seiscentos outros jornais.

A abolição do sistema do salariato foi também discutida por outros escritores. Um deles foi Orestes Brownson, um escritor famoso e amigo dos distintos homens dêsse tempo. Possivelmente, foi ele o primeiro que advogou o «regresso á terra» (back-to-the-land). No seu livro *O Convertido*, publicado em 1857, argumentava:

«A fonte dos males da sociedade moderna»

«Partindo da teoria democrática do homem e da sociedade, eu afirmo que a fonte dos males da sociedade moderna foi a separação do capital do trabalho; ou o facto de que uma classe da comunidade está na posse dos fundos e a outra classe distinta é compelida a executar o trabalho de produção. A consequência d'este sistema é, que os possuidores de capital se enriquecem á custa dos possuidores de trabalho. O sistema de salários em dinheiro, o sistema moderno, é mais proveitoso para os possuidores de capital do que o sistema de escravatura é para os escravizadores, e difficilmente menos oppressivo para os trabalhadores. Os salários, como regra geral, nunca são suficientes para dar ao trabalhador a possibilidade de se colocar em igualdade de circunstâncias do capitalismo. O capital terá sempre a parte de lião dos rendimentos. Vê-se isto no facto de que enquanto que aqueles que tem capital enriquecem, os trabalhadores pelos seus simples e melhores meios só conseguem uma subsistência simples. Toda a classe de simples trabalhadores, são pobres, e em geral impossibilitados de procurar com os seus salários mais do que as necessidades simples da vida. O capitalismo emprega o trabalho para poder enriquecer cada vez mais; o trabalhador vende o seu trabalho para que não possa morrer de fome, êle, sua mulher e filhos, e como a urgente necessidade de se precaver contra a fome é sempre mais forte do que o ser cada vez mais rico, o capitalista tem o trabalhador á sua disposição,

tendo sobre êle, quer se chame escravo ou homem livre, o poder de vida ou de morte.

Os homens pobres podem, com efeito, vir a ser ricos, mas não pelo simples salário dum trabalho hábil. Nunca virão a ser ricos, excepto se se utilisarem, por qualquer forma, do trabalho dos outros».

A solução pelo «regresso á terra»

Brownson continua: «Para remediar estes males eu propuz abolir a destruição entre os capitalistas e os trabalhadores, dando a todos os homens a posse de fundos assim como de trabalho sobre um capital propriamente seu para receberem segundo os seus serviços. Sem dúvida que o meu plano teria escangalhado todo o sistema comercial moderno, prostrado todas as grandes indústrias e feito regressar á terra as massas de povo para conseguirem viver pela agricultura e pelo emprêgo da mecânica. Eu sei isto suficientemente bem, mas êste era um dos resultados a que eu aspirava. Era, portanto, por isto que eu me opunha a todo o sistema de crédito e bancário, e lutava vigorosamente por separar os estabelecimentos fiscais do govêrno dos interesses monetários do país e abolir o papel moeda. De-sejei pôr em cheque o comércio, destruir a especulação, e pelo sistema de fábricas, que estavam promulgando tarifas, proteger e construir para restaurar a velha indústria do país.

Os comunistas «apoderando-se» da solução da propriedade

Tomás Skidmore era um diferente tipo de escritor. Era comunista e como tal um factor no movimento operário de Nova York, de 1820 a 1830. Escreveu um livro intitulado «Os direitos do homem á propriedade». Neste livro argumentava que os homens deviam ser compelidos a viver do seu próprio trabalho e não do trabalho dos outros. As desigualdades da propriedade privada teem origem no facto de que alguns homens vivem do trabalho dos outros, facto que estas desigualdades por sua vez, tendem a perpetuar. Aplicando esta doutrina ás condições da propriedade criadas pelo progresso do capitalismo, Skidmore declarou :

«A máquina de vapor não é prejudicial aos pobres, quando eles podem aproveitar os seus benefícios ; e nesta suposição, sendo sempre êste o caso, ela podia ser recebida como uma benção. Se, então, se observar que a máquina de vapor, por exemplo, é bastante aproveitada da mesma forma para empobrecer como para arruinar os pobres, e que teem eles a fazer senão tomar posse dela, faze-la propriedade sua? Que se apropriem tambem, da mesma forma, das fábricas de algodões, das fábricas de lãs, das fundições de ferrò, dos laminadores mecânicos, das casas, das egrejas, dos navios, das mercadorias, dos barcos a vapor, dos campos de agricultura, etc., etc. da maneira proposta neste trabalho, como direito seu, e nunca mais terão ocasião de considera-la um mal que nunca mereceu essa distincção ; que, pelo contrário, é tudo o que é bom entre os homens e do qual nós não po-

demos ter de mais sob estas novas circunstâncias».

O sistema de cooperação trade-unionista

Assim se encontrariam estes dois extremos, duma forma prática, a reclamação para a abolição do sistema de salariato, um para retroceder e outro para avançar. As uniões operárias pensaram na abolição por meio das suas próprias organizações, geralmente na forma de cooperação. A «Conferência aos Impressores Salariados dos Estados Unidos», diz, por exemplo:

«A mera combinação para fixar e manter uma escala de preços, é de menor importância comparada com a combinação que se prepara para a definitiva redenção do trabalho. Escalas de preços para manter o valor do trabalho, são só necessárias sob um sistema que, na sua interrupta operação, dá a esse valor uma contínua tendência decrescente. Mas quando o trabalho determina não se vender mais aos especuladores, mas tornar-se empregado de si mesmo; a possuir e a gozar ele mesmo dos seus frutos, as necessidades de escalas de preços desaparecerão e o trabalho será liberto para sempre do domínio do capital... Isto é certamente a maior das realizações que devotadamente pode ser desejada, e por mais que custe conseguí-la, se estiver dentro das possibilidades, devia constituir o grande fim para o qual as nossas aspirações e os nossos esforços deviam contribuir».

Em todos os períodos precedentes nós temos uma idéa geral do começo da luta de classes, dos primeiros desenvolvimentos das uniões, e das

reclamações para a abolição do sistema do salariato, tanto na teoria como de facto.

Comêço das tendências das uniões industriais

As décadas que se seguiram ás de 1820 1850 foram as que presenciaram a guerra civil, em que os trabalhadores combateram ardentemente em defesa da União, muitos deles consciós do facto de que o fim da escravidão da propriedade faria mais fácil a abolição da escravidão dos salá-rios. Seguindo-se á guerra civil surgiu um grande desenvolvimento dos «trusts» e das corporações. Foi um periodo de grandes pânicos, como o de 1873, e de grandes levantamentos operários, como o das greves ferroviárias, em 1877. Desenvolveu-se a consciência de classe entre os trabalhadores. Onde, no comêço da terceira década do século passado, o comunismo de Roberto Owen tinha feito uma grande impressão nos trabalhadores americanos, e na quarta década o de Fourier tinha considerável influência, começa depois a fazer-se sentir o socialismo internacional de Carlos Marx, por intermédio da Associação Internacional dos Trabalhadores. O resultado foi um desenvolvimento imenso nas organizações dos trabalhadores.

Jorge E. McNeil, uma autoridade no movimento operário, diz: «O ano de 1866 presenciou uma grande renovação do movimento operário. Uniões e associações isoladas, sentiam cada vez mais a necessidade de se reunirem. Uma propaganda activa surgiu e novas organizações se multiplicavam continuamente. Existiam de trinta a quarenta uniões e sindicatos nacio-

nais e internacionais, alguns deles associando dezenas de milhares de homens. O povo de hoje (1877) tem pequena concepção da extensão do movimento operário de há vinte anos.»

A. A. F. of Labor aparece para combater as novas tendências

Este novo impulso ás organizações operárias deu origem ao desejo de uma mais estreita união, acelerada por um reconhecimento do facto de que as uniões de officio não eram suficientemente fortes quando se mantinham isoladas. Os congressos industriais foram, assim, realizados no comêço de 1874. Muitas organizações de classe estiveram representadas. Fora de tais tendências appareceu, em 1881, a Federação das Classes Organizadas e das Uniões Operárias. Era inspirada pela União Tipográfica Internacional que estava entre as primeiras uniões de officios que reconheciam a necessidade da assistência mútua e de mais estreitas relações. A Federação das Classes Organizadas e das Uniões Operárias foi tambem tida como necessária pelo contínuo desenvolvimento e successo dos Knights of Labor (Cavaleiros do Trabalho). Esta era uma organização que tentava reunir todas as classes numa só organização. Ameaçou a existência das uniões de officio e de classe, apressando assim a formação da federação das uniões operárias e de classe, hoje conhecida pela «A. F. of Labor» (Federação Americana do Trabalho).

A União Operária Internacional

A nova tendência manifestada pelos Cavaleiros do Trabalho tinha crescido durante anos. A União Operária Internacional da América, fundada em 1877, era um esforço para reunir todas as profissões sob a direcção dum organismo central. Nunca teve um grande número de associados, mas foram organizadas secções em dezassete estados. As suas declarações de princípios contêm muitos dos germenés dos I. W. W. Nós lêmos, por exemplo, que :

«A vitória sobre o domínio do direito divino deve ser seguida duma vitória sobre os possuidores de direitos de propriedade; porque não pode haver governo do povo, pelo povo, e para o povo, onde a existência de muitos está dependente de poucos.

«A liberdade politica não pode continuar por mais tempo sob a escravidão económica, porque a aquele que é forçado a vender o seu trabalho ou a morrer de fome, venderá a sua independência quando se lhe apresentar a mesma alternativa.

«Como a riqueza do mundo é distribuída segundo o sistema de salariato, a sua melhor distribuição deve incidir sobre os salários mais elevados, sobre as melhores oportunidades, até que os salários representem os ganhos e não as necessidades do trabalho, dissipando assim os lucros sobre o trabalho fora de existência, e fazendo a cooperação, ou o emprêgo próprio do trabalho, a natural e lógica passagem da escravidão do salário para o trabalho livre».

Os cavaleiros de São Crispim

Outra organização digna de nota, por ter contribuído para as tendências da organização dos Cavaleiros do Trabalho, foi a dos Cavaleiros de São Crispim. Era uma organização dos operários manufatores de calçado e de todos os officios que reconheceram que na época do capital colectivo deve haver uma maior cooperação entre os trabalhadores salarizados do que aquela que é capaz de proporcionar a união de officio. A sua declaração diz que: «Os fins desta organização são proteger os seus membros contra a concorrência prejudicial, e **assegurar inteiramente a união entre todos os operários manufatores de calçado em todas as secções do país.** Os cavaleiros de São Crispim eram o que hoje é conhecido como uma união industrial de «indústria simples», estando restrita a uma indústria e organizada sob os princípios do unionismo industrial em vez do unionismo de classe.

Favoreceram a «cooperação como remédio próprio e eficiente para muitos dos males do presente sistema iníquo que concede ao trabalhador um tanto da sua produção de forma a fazer duma simples possibilidade uma vida confortável, e a colocar a educação e a posição social fora do seu alcance.»

Os Cavaleiros de São Crispim eram um poder político. Tinham um jornal mensal, iniciaram os armazens cooperativistas, lutaram em muitas greves vitoriosas, vieram a ser um centro internacional, e, calcula-se, tinham quatrocentas lojas (secções), chegaram a ter quarenta mil aderentes, e foram considerados uma das principais or-

ganizações no mundo. A sua queda é atribuída á «muita politica» e a uma falta de apreciação da evolução exterior da sua organização, especialmente da admissão dos aprendizes e de outros na indústria do calçado. Os Cavaleiros de São Crispim existiram perto de dez anos, de 1864 a 1874, e foram bastante absorvidos pelos Cavaleiros do Trabalho. Já antes fôra também êste o destino da União Operária Internacional.

Os Cavaleiros do Trabalho

Os Cavaleiros do Trabalho foram organizados em Filadélfia, em 1869. Alguns trabalhadores de vestuários, dirigidos por Unriah S. Stephens, foram os fundadores. Os Cavaleiros do Trabalho reconheceram a submissão do trabalho ao capital, atribuindo-a á desunião dos trabalhadores e á falta de acção harmónica que esta desunião promovia. Deligenciáram unir todas as secções de trabalhadores hábeis e inhábeis, por meio de assembleas locais, assembleas distritais e assembleas gerais, todas presididas por um operário-mestre. Apoiavam-se no princípio da centralisação; o que lhe faltou foi organização segundo a indústria. Era mais uma organização das massas do que uma organização que tivesse definido bem os processos industriais.

Os K. of Labor faliram pela vilesa da A. F. of L.

Os Cavaleiros do Trabalho advogavam também a cooperação «como meio de substituir o sistema do salariato», favorecendo para os mesmos fins a apropriação pública dos telefones, telégra-

fos e caminhos de ferro. Depois da guerra civil foi este o período de maiores esforços para um mais elevado desenvolvimento na forma de organização do que qualquer outro existente até essa ocasião. Diz-se que atingiu mais de um milhão de membros. A sua morte pode ser atribuída ao desenvolvimento anormal, maior do que podia ser atingido, menor do que o que podia ser assimilado; aos políticos; á sua falta de formas definidas de organização; á centralisação e aos seus corruptos abusos; mas, sobretudo á Federação Americana do Trabalho, que, aliada com os capitalistas, que receavam as tendências socialistas da classe trabalhadora dos Cavaleiros do Trabalho, tiveram a vileza de os colocar fora de existência. As fábricas de cerveja, fábricas de tabacos, caminhos de ferro, minas de carvão, e outras indústrias estão plenas de história das vilesas cometidas pela A. F. of Labor contra os Cavaleiros do Trabalho. Lógicamente, por esta vileza desenvolvida na A. F. of L., aliada com a Federação Cívica Nacional, foi a A. F. of L. apelidada de «grande baluarte contra o socialismo neste país», pelo *Wall Street Journal*.

Construindo a nova sociedade dentro do invólucro da velha

Os trabalhadores esforçam-se por desbaratar as barreiras do capitalismo dirigindo-se para uma sociedade livre, da mesma forma que o capitalismo, nos seus primeiros inícios deligenciou desbaratar pelo seu próprio esforço as barreiras do sistema de associação de artistas ou comerciantes medievais (guild system). E o trabalho será tão bem sucedido como o capitalismo o foi. As

fôrças que impulsionam o desenvolvimento social impeli-os há para um tal sucesso. Por todos os lados salta á evidência, sobretudo pelos acontecimentos resultantes dos primeiros movimentos trabalhadores e pelo seu firme desenvolvimento progressivo.

Os primeiros movimentos trabalhadores exigiam a abolição do sistema do salariato. Aspiravam ao fim dêste sistema por meio da sua intervenção principalmente pela cooperação. Depois de 1880 encontramos as organizações de trabalhadores favorecendo para esse fim a acção política e a posse do govêrno. E, ainda mais importante, vamos encontra-los empenhados numa campanha que os preparasse para a posse da produção e fiscalisação dos meios de produção e de distribuição. Foi esta tendência que distinguiu as uniões radicais das uniões conservadoras ; a par do desejo de uma maior união e organização da classe trabalhadora.

A idea das escolas oficinas

Em 1886, os Metalúrgicos da América, uma organização federativa, diziam na sua declaração de princípios : «Só a completa abolição do presente sistema social pode emancipar os trabalhadores, substituindo-o por um novo sistema baseado na organização cooperativa da produção e numa sociedade livre. As nossas organizações deviam ser uma escola para educação dos seus membros para as novas condições sociais logo que os trabalhadores possam tratar dos seus próprios interesses».

Encontramos a mesma idea da união, como as escolas oficinas da nova sociedade, expressa

nos escritos dos socialistas de estado alemães, principalmente nos do dr. Johann Jacoby.

No seu seu «Fins do Movimento Trabalhador», discurso pronunciado em 1870, o doutor falou li-songeiramente das uniões de trabalhadores. Disse êle :

A verdadeira significação destas associações, o seu valor, que não pode ser exagerado, está em que inteiramente independente do seu objectivo especial a que aspiram, elas são uma escola para a cultura própria dos seus membros ; incutem neles habilitações para dirigirem independentemente os seus próprios interesses, em harmoniosa acção com os outros indivíduos para fins comuns ; que, pela educação, desenvolvendo uma compreensão fraternal e sempre crescente do assunto no espírito público, eles preparam o trabalhador para uma transição gradual do sistema do salariato, que hoje prevalece, para o método cooperativo de produção no futuro.

As uniões trabalhadoras como base da nova sociedade

Outra idea tambem se desenvolveu completamente diversa da exposta acima. Esta idea considera as uniões de trabalhadores os órgãos pelos quais será implantada a nova sociedade. Quem primeiro parece ter exposto esta idea foi Roberto Owen, inglês, que passou alguns anos neste país depois de 1920, e cuja influencia no movimento trabalhador aqui foi com efeito bem grande. De 1830 a 1850 Owen advogou uma federação geral das uniões de trabalhadores que tomasse posse de todas as indústrias nacionais da Inglaterra e as administrasse. Esta idea penetrou os movimentos trabalhadores de todo o mundo. No movimento trabalhador belga, appareceu em 1868,

no congresso de Lucano. Luciano Sanial, no seu «O socialismo na Bélgica» (Almanaque Socialista, pág. 67), escreve dêste congresso e do seu hábil chefe marxista, De Paepe, o que segue :

Pode certamente duvidar-se se o próprio De Paepe não conserva ainda a noção, então completamente predominante entre os trabalhadores e subsequentemente explorada pelos anarquistas, de que a forma sindical de organização dos trabalhadores serviria como base da reorganização social do trabalho.

Possivelmente, a Rússia prova que «a noção» atacada por Sanial era de mais importância do que elle julgou ser.

Contudo, isto é uma digressão.

Vejamos a seguir o que diz Wm. E. Trautman, editor do *Brewer's Journal*. Escrevendo sobre «Os Trabalhadores Cervejeiros Unidos e a Organização Industrial» em o número especial do Dia Trabalhador publicado pelo *American Labor Union Journal*, em Setembro de 1903, Trantman declara :

Os socialistas estrangeiros, assim como os de cá, comprehendem que devem ser criados os instrumentos directivos da república socialista, agora a caminho de organização, e segundo esta necessidade. ¿ Quem poderá avaliar como regular a produção necessária de utilidades nos vários ramos de indústria, em conformidade com as necessidades de toda a sociedade, melhor do que aqueles que estão directamente empregados numa dada indústria ?

As organizações industriais são as precursoras da sociedade fundada nas ideas socialistas, e dentro delas estão os elementos preparando uma direcção mais scientifica dos instrumentos de produção e de distribuição.

Assim deligenciam os trabalhadores desbaratar o capitalismo por meio duma mais clara compreensão teórica e mais aperfeiçoada organização industrial. Assim eles deligenciam «construir a nova sociedade dentro do invólucro da velha».

Os I. W. W. persistentes e proféticos

Os «Trabalhadores Industriais do Mundo», organizados em Chicago, Ill., em 1905, tem os seus precusores — no desenvolvimento da indústria moderna e na organização dos trabalhadores, combinadas com os desejos dos trabalhadores de se emanciparem da escravidão do salariato. Seguindo-se aos Cavaleiros do Trabalho vieram a União Ferroviária Americana de Debs, a Federação Ocidental dos Mineiros, a União dos Trabalhadores Americanos e a Fraternal dos Empregados Ferroviários, contribuindo pelo lado industrial para a sua evolução, enquanto que os partidos socialistas forneciam muito material para a sua fase intelectual.

Os I. W. W. diferem dos Cavaleiros do Trabalho pelas suas mais definidas formas industriais e pelos seus princípios, e da União dos Trabalhadores Americanos — que era apenas uma ampliação e um esteio da Federação Ocidental dos Mineiros — pelas suas mais largas aspirações e maior existência independente. Os I. W. W. diferem da União Ferroviária Americana, da Federação Ocidental dos Mineiros e da Fraternal dos Empregados Ferroviários em que estas organizações eram uniões industriais duma «indústria única», enquanto que os I. W. W. são uma simples união de todas as indústrias, reunindo todas as indústrias em Uma Grande União.

O facto dos Trabalhadores Industriais do Mundo terem tido muitos precusores devia incutir em todos o desejo de ali se filiarem ou de favorecerem a sua causa. O que é mais importante é o reaparecimento constante d'este tipo de união. Os trabalhadores não podem passar sem elas — e devendo ser necessárias, ou por qualquer outro motivo, ¿ porque é que os trabalhos criam tão repetidamente tais uniões a despeito dos anteriores fracassos? Ainda mais, os desenvolvimentos no país e no estrangeiro demonstram que a sociedade necessita de um tal tipo constructivo de unionismo com o fim de evitar a reacção e um desastre.

Os I. W. W., para divagar um pouco, teem provado ser proféticos. Quando o agente Garretson, da Fraternal dos Condutores Ferroviários pediu para dizerem á Comissão de Relações Internacionais, em 1914, como é que os I. W. W. tencionavam administrar as indústrias, William D. Haywood respondeu :

Tomem para exemplo, o vosso comité executivo; ¿ quem melhor do que ele pode tomar conta dos caminhos de ferro ?

O plano Plumb, com a sua intervenção dos ferroviários na direcção dos caminhos de ferro, indicaria que mesmo as fraternais ferroviárias conservadoras admitem a idea dos I. W. W.; os trabalhadores gerindo a indústrias por meio da organização industrial.

E, como podiamos nós concluir melhor este trabalho do que citando um discurso pronunciado em Filadélfia, aí por 1880, por esse bom amigo dos trabalhadores, o eminente jornalista John Swinton. Swinton, falando numa organização, á

qual ele se referia chamando-lhe uma «dessa grandes conferências dos construtores do mundo nas principais cidades do país», dizia :

A trilogia dos trabalhadores

«Termino, apresentando três ideas claras :

«Primeiramente, advirto-vos que presentemente os trabalhadores se estão preparando para tomarem conta do governo do mundo — tomar posse da administração dos seus recursos, dos seus negócios e da sua politica. Os reis, lords, generalíssimos, calculistas e financeiros, que se apoderaram da nossa terra, são incompetentes para dirigirem os seus negócios. Tiveram os seus tempos, durante gerações, e o resultado é a pêrda de toda a humanidade. Agora, porêm, chegou o dia de serem julgados. O homem entra em campo para colhêr os seus direitos. Passou a velha dispensação ; uma nova era desponta no horizonte.

«Segundo, advirto-vos do desenvolvimento da unidade de acção entre os trabalhadores do mundo, aqui como em todos os outros países. De estado para estado, de terra para terra, eles estão-se mostrando uns aos outros ; quaisquer que sejam as formas de govêrno estão aprendendo a cooperar ; por entre todas as diversidades de linguagem eles encontram a linguagem universal. E' uma coisa nova, uma grande coisa, de que brotarão outras coisas grandes e novas.

«Terceira, e última, advirto-vos da natureza das reclamações dos trabalhadores do mundo. Elas são essencialmente as mesmas por todo êste país e em todos os outros países. Há unidade de programa como de acção. Devem ter inteira li-

berdade para empregarem a sua actividade na comunidade ; devem ter o seu quinhão nos recursos e na herança da terra.

«São naturais estes termos, razoáveis e justos, e o facto de que eles aumentam por toda a parte a sua força, é a certeza de que apesar dos obstáculos que encontrem, eles ainda serão assegurados».

III

A história dos I. W. W.

A história dos I. W. W. começou em 1905. O último volume ainda está por escrever. Os I. W. W. foram primeiro uns fracos escarnejados. Gompérs zombava da «roda da fortuna», isto é, do plano de organização. Agora, tanto Gompers como o capitalismo receiam os I. W. W. como quem vive receia a morte.

Os I. W. W. são uma profecia — uma preparação — em parte cumprida pela revolução russa, e tendendo também, no plano Plumb, a ser executada neste país. Como Arturo Giovannitti bem diz: «Os I. W. W. são o único socialismo de todos os socialismos que tem prosperado. Foram quem saíu da guerra mais justificado e mais forte do que antes».

A razão desta posição inexpugnável dos I. W. W. encontra-se no facto de que os I. W. W. surgiram do verdadeiro capitalismo e são dele inseparáveis. E' a unica forma de organização trabalhadora que se conforma com a organização do capitalismo e que o conduzirá a planos mais elevados de onde cairá ou se desconjuntará por

um outro processo do progresso e de desenvolvimento.

A aplicação dos princípios construtivos dos I. W. W. salvaram a Rússia depois da revolução de Kerensky. Neste país aceitam-nos em parte, como uma solução ao problema ferroviário. Nas organizações trabalhadoras os princípios dos I. W. W. estão substituindo os da A. F. of L. Por todos os lados os I. W. W. impulsionam para a frente. E' a única solução que logicamente pode ser aplicada ao capitalismo e aos seus problemas. Neles reside a explicação de como a existência dos I. W. W. é como a da fénis — o seu reaparecimento constante em face da aparente destruição.

Os seis fundadores dos I. W. W.

Em fins de 1904, seis trabalhadores, desgostosos com a A. F. of L., reuniram-se e decidiram que era necessária e devia ser organizada uma melhor forma de uniunismo. Eram Isaac Cowen, representante americano da União dos Serralheiros Mecânicos da Inglaterra (Amalgamated Society of Engineers); Clarence Smith, secretário-tesoureiro geral da União dos Trabalhadores Americanos (American Labor Union); Thomas J. Haggerty, editor da *Voz do Trabalho* (Voice of Labor), órgão da A. L. U.; Georges Estes, presidente da União Fraternal dos Empregados Ferroviários, (United Brotherhood of Railway Employees); W. L. Hall, secretário-tesoureiro geral da U. B. R. E.; e William E. Trautman, editor do *Jornal dos Cervejeiros* (Brauer Zeitung), órgão da União dos Trabalhadores Cervejeiros (United Brewery Workers).

Estes seis homens convocaram uma conferência que se realizou em Chicago, Ill., em 2 de Janeiro de 1905, publicando o manifesto da União Industrial convocando uma convenção em Chicago, Ill., que se realizou a 27 de Junho do mesmo ano. Foi nesta convenção que foi fundada a organização dos Trabalhadores Industriais do Mundo, melhor conhecida pelas suas letras iniciais: «The I. W. W.».

A conferência foi composta de quarenta homens, activos nos movimentos radical e socialista dêsse tempo. A Federação Ocidental dos Mineiros favoreceu a circulação do seu manifesto contribuindo bastante para o bom successo da convenção. Cento e oitenta e seis delegados assistiram á convenção, vindos das organizações locais e nacionais de trinta e seis estados e distritos, representando 90.000 associados. William D. Haywood, secretário-tesoureiro geral da Federação Ocidental dos Mineiros, foi o seu presidente permanente.

As organizações que ficaram fazendo parte dos I. W. W. foram: a Federação Ocidental dos Mineiros, a Aliança Socialista dos Trabalhadores e Empregados; os Operários Impressores, a União dos Metalúrgicos, a União dos Estivadores, a União dos Trabalhadores Americanos, e a Fraternal dos Empregados Ferroviários. Estas organizações reuniam cincoenta e um mil indivíduos, 21.000 dos quais figuravam apenas no papel. Depois disso, um dos seus verdadeiros esteitos, a F. dos E. F. (B. R. E.), morreu, ao mesmo tempo que desertava a F. O. dos M. (W. F. M.).

O comêço fraco e os actuais adherentes dos I. W. W.

Com organizações muribundas e de pouca confiança, com bases fracas e imaginárias, e bombástico número de adherentes, assim foram fundados os I. W. W. Teem, desde então, agremiado aproximadamente 500'000 indivíduos, Teem entrado e saído, só para espalharem a doutrina dos I. W. W. por todo o mundo. Muitos dos primeiros reconstructores, como Shattoff, Nelson, Tobinon, etc., são dos I. W. W. A obra dos delegados e prosélitos dos I. W. W. não é desconhecida, mesmo no Japão e na China. A A. F. of Labor está impregnada das suas idéas. Demonstrou-o a convenção da União dos Mineiros e a recente greve dos trabalhadores das docas de Nova York. Os partidos socialista e comunista ou são influenciados pela sua politica ou apoiam-na abertamente. Os I. W. W. ameaçam o capitalismo onde quer que o capitalismo ameace a civilização. E' esta uma das muitas razões da sua vitalidade.

Os I. W. W. á frente da defesa dos trabalhadores

Desde a sua fundação que os I. W. W. teem tomado parte em muitas campanhas dos trabalhadores. Tomaram a iniciativa do vitorioso movimento para salvar de assassinato judicial as vidas de Moyer, Haywood e Pettibone. As defesas de Mc Namara, Mooney e outros trabalhadores foram tambem apoiadas pelos I. W. W. Os bolsheviques foram primeiramente reconhecidos, neste país, pelos I. W. W. E' essencial-

mente verdadeiro que *The Industrial Worker* publicou várias entrevistas com o contra-mestre do «Shilka», navio russo que chegou a Seattle pouco depois da revolução de Novembro de 1917. Os I. W. W. são instintivamente proletarianos. Por esta razão os capitalistas os atacam e os trabalhadores confiam nêles.

As greves dos I. W. W. ardentemente contestadas

Os I. W. W. tem também sustentado muitas greves durante a sua existência.

Foram eles que, em 1906, conquistaram o dia de oito horas para os empregados de hotéis e restaurantes de Goldfield, Nevada. A greve dos caldeiros de ferro, em Youngstown, Ohio, no mesmo ano, foi perdida de ido á traição da A. F. of L. Em 1907, em Skowhegan, Maine, 3.000 tecelões conseguiram melhorar as suas condições depois duma luta de quatro semanas e apesar dos fura-greves fornecidos pela A. F. of L. Em Portland, Oregon, 3.000 serradores declararam a greve pelo dia de nove horas e aumento de salário, 1,75 para 2,5 dollars por dia. A greve e os seus resultados, forçaram a um aumento de salários e ao melhoramento de condições, dando também com isto um impulso á organização dos I. W. W. do noroeste dos Estados Unidos. Uma greve de 1.200 laminadores de metais, em Bridgeport, Conn, perdeu-se por causa da traição da A. F. of L.. O pânico de 1907 produziu muitos encerramentos que mataram a greve de 800 fabricantes de sedas, em Lancaster, Pa. A prolongada greve em Goldfield, Nevada, foi contida pela traição dos dirigentes offi-

ciais da Federação Ocidental dos Mineiros, na primavera de 1907.

Apesar de tudo, na queda, os I. W. W. ganharam terreno, e foi pela sua influência que se tornou geral o salário de 4,5 dollars e o dia normal de oito horas de trabalho. Durante o regime dos I. W. W., em Goldfield, todas as leis foram feitas nas salas da União e afixadas no quadro dos boletins da União.

O pânico de 1907, com os seus encerramentos e falta de trabalho, afectaram duramente as uniões dos trabalhadores, especialmente os I. W. W. que estavam menos firmemente organizados. Apesar disso, os I. W. W. tomaram parte em muitas agitações dos sem-trabalho e em muitos movimentos durante êste período.

A greve de Mc Kees Rocks

A greve dos 8.000 trabalhadores das fábricas da Pressed Steel Car C.^o, em Mc Rocks, Pa., que começou em julho de 1909, fez entrar os I. W. W. de novo na luta. Frank Morrison secretário da A. F. of L. que foi para falar aos revoltosos — era como tais que os tomavam desde o princípio — teve que ir-se embora, e dizendo : «São apenas avarentos».

Os socialistas políticos, entre eles Debs, falaram-lhe para dizer : «Votem na lista socialista».

Mas os I. W. W. organizaram-os. Juntaram num só compacto organismo triunfante todas as uniões de trabalhadores dos dezasseis diferentes estados e de todos os ramos. O aumento de salários e a melhoria de condições foram concedidas em face da pior imaginável opposição. Deu-se a entender aos cossacos da Pensilvânia que por

cada grevista assassinado por eles, como revanche seria assassinado um cossaco. A aplicação imediata deste aviso acabou com todos os assassinatos.

As lutas pela liberdade da palavra

Seguindo-se a greve de Mc Kees Rocks, vieram as lutas heroicas pela liberdade de palavra em Spokane, Wash., e em Fresno, Califórnia, e, mais tarde, noutras cidades. Estas lutas foram julgadas necessárias pela organização. Pensou-se que sem os comícios e reuniões (meetings) nas ruas, que nestas cidades se pretendia proibir, os sem-trabalho, sem habitação, os trabalhadores errantes não podiam ser organizados. Desde então os I. W. W. tem progredido. Agora o trabalho dos delegados, o trabalho da organização, o trabalho das reuniões nos salões, em vez de reuniões nas ruas, são as verdadeiras táticas. As lutas pela liberdade de palavra foram ganhas á custa de inúmeras prisões, pela acumulação de despesas dos contribuintes, e tendo sido aliás mais barato o renderem-se do que o continuarem na luta

A greve de Schwab Bethlehem

Cerca de 1910 declarou-se uma grande greve nas fábricas de aço de Schwab Bethlehem, na Pensilvânia. Graças ao prestígio que lhe veio da greve da McKees Rocks, os I. W. W. puderam organizar esta verdadeira revolta de 10.000 trabalhadores. Estavam procedendo belamente os I. W. W. quando apareceu a A. F. of L. reivindicando o direito de intervenção. Preferindo não causar atritos, os I. W. W. retiraram. A

A. F. of L. devidiu então os grevistas em quinze diferentes uniões internacionais. Alguns deles conseguiram acórdos, mas, geralmente, os grevistas só conseguiram a derrota. Foi isto que os I. W. W. tinham antecipadamente predito. E' o habitual resultado da A. F. of L.

A greve dos fabricantes de calçado, em Brooklyn, N. Y.; as greves dos fabricantes de calçado e de tecidos em Haverhil, Mass.; a greve dos fabricantes de vestuários, em Seattle, Wash.; a dos ferroviários, em Prince Rupert e Lynton, B. C.; a dos cortadores de madeiras, no noroeste e em Grabow, La.; foram depois tratadas pelos I. W. W. e todas elas foram ganhas, no todo ou em parte, dando até ocasião a muitas regalias indirectas.

As greves de Lawrence e dos mineiros de Mesaba

Veio depois a greve dos tecelões de Lowell. Esta foi seguida pela grande greve dos tecelões de Lawrence, em 1912. Esta greve fez época, sobre ela incidiam as atenções de todo o movimento trabalhador do país. Deu em larga escala uma demonstração prática do unionismo industrial. Transformou as táticas de greve e conseguiu grandes vantagens para os grevistas têxtis, além de influir nos aumentos de salários em muitas secções do país. Depois da grande greve de Lawrence veio a greve têxtil em Little Falls, N. Y.; a greve dos tecelões de seda de Paterson, N. I.; a greve dos fabricantes de borracha de Akron, a greve dos colhedores do lúpulo em Wheatland e a greve dos mineiros de ferro de Mesaba.

Greves e perseguições durante a guerra

Finalmente, justamente antes e durante a guerra, os I. W. W. dirigiam grandes movimentos grevistas entre os trabalhadores agrícolas, trabalhadores dos poços do petróleo, das minas de cobre e dos cortadores de madeiras. O sucesso que se seguiu a estes movimentos julga-se ter inspirado os interesses dos «trusts» da agricultura, do cobre, do petróleo e das florestas a fomentarem os ataques contra os I. W. W., feitos durante a guerra. Dêstes ataques resultaram o linchamento de Frank Little, a deportação de 1.200 mineiros de Bisbee, Arízona, o serem untados e queimados dezassete trabalhadores do petróleo em Tulsa, Oklahoma, e a perseguição dos I. W. W. em Chicago, Sacramento, Wichita e noutras partes. Mais de 200 aderentes, incluindo todos os dirigentes da organização foram condenados pela infamante lei anti-operária da espionagem. A estes homens foram dadas sentenças de um a vinte anos de prisão. Estes ataques resultaram de mil e uma das menores infâmias contra os I. W. W. por todo o país. Esta campanha contra os I. W. W. era baseada na velhacaria de que «os I. W. W. estavam recebendo ouro alemão para fomentarem greves».

Esta velhacaria não foi provada em Chicago nem em qualquer outro julgamento. Os I. W. W. não são pró-alemães, mas anti-capitalistas, e daqui os ataques que lhe fazem.

O grande valor da actividade dos I. W. W.

Se reunirmos tudo isto, as actividades dos I. W. W. teem sido fora de toda a proporção tanto para os seus membros como para os seus meios. Os seus resultados teem sido de grande valor para a classe trabalhadora. Só a greve de Lawrence mete anualmente nos sacos das férias, dos tecelões de todo o país, de cinco a quinze milhões de dollars a mais. Subsequentemente, o seu espirito hesitou ante a ameaça de redução nos salários em Providence, R. I., e em New Bedford, Mass. As greves de Wheatland trouxeram também melhoria de condições e maior salário para os trabalhadores agrícolas de toda a Califórnia.

Outro tanto aconteceu com outras greves. Os trabalhadores agrícolas trabalham agora dez horas por dia com um salário de 4 dollars por dia; teem boas acomodações para dormirem e bom alimento, onde antes tinham que dormir em qualquer velho sitio, comer péssimas porcarías e trabalhar de sol a sol por cerca de 1,5 dollar. Os cortadores de madeiras conseguiram banhes de chuva, comodidades sanitárias, boas camas e casas para pernoitar, melhoria na alimentação, e o dia de oito horas com 5 dollars por dia, onde primeiramente passavam vida de bestas em campos imundos, trabalhando longas e intoleráveis horas por salários baixos. Durante o período da guerra, o receio dos I. W. W., auxiliado pela procura de trabalhadores, fez com que os salários fôsem frequentemente aumentados por toda a Nova Inglaterra, nas fábricas de seda Paterson, N. I., e outras partes.

A influência dos I. W. W. nas organizações dos trabalhadores

Por outro lado, a pressão que os I. W. W. exercem sobre as organizações dos trabalhadores, é grande. Recebem a sua invasão pelos I. W. W., ou são estimulados para a acção pela crítica e iniciativa dos I. W. W., com bons resultados. Isto é evidente na indústria têxtil da Nova Inglaterra, e na indústria da seda de Paterson, N. I.. É o motivo porque o próprio Gompers tentou bater Gary servindo-se dos I. W. W. como *cas-se-tête* contra ele, como tem feito contra outros capitalistas.

Fala acerca do «minar por dentro», dum «sindicalismo penetrante»; porque os I. W. W. conseguiram resultados que a A. F. of L. nunca podia esperar conseguir. Não admira que Gompers e o capitalismo receiem os I. W. W.! É um verdadeiro poder para bem da classe trabalhadora!

Os I. W. W. e a fábrica de «democracia industrial»

Os I. W. W. compeliram também as corporações mais influentes ao reconhecimento e adopção dos seus princípios. Elas criaram o que é conhecido por fábrica de «democracia industrial», com o fim de irem contra a maré dos I. W. W.. Estas fábricas baseiam-se num sistema de governo industrial e em que os trabalhadores tenham representação. Eram desconhecidas antes do aparecimento dos I. W. W.. Contudo, faliram, porque não são nem honestamente concebidas nem

bem intencionadas. A «democracia industrial» que elas praticam só fortalece a autocracia capitalista que presumem derrubar. Onde quer que experimentada, «a democracia industrial» das corporações tem sido a causa de greves e da intensificação da luta de classes. Isto prova bem a inteligência dos trabalhadores, que conhecem as verdadeiras coisas quando se lhe apresentam. Também isso fala mal da alegada perspicácia dos capitalistas, que esperam salvar-se com tal estupidéz, da verdadeira democracia industrial dos I. W. W.

Os I. W. W. e o liberalismo

Os I. W. W. tem sido capazes de empregar a sua actividade para bem da classe trabalhadora, e de exercer a sua influência no desenvolvimento das corporações, algumas vezes por favoráveis condições, mas a maior parte das vezes por causa dos próprios métodos reaccionários do capitalismo. O capitalismo é brutal na sua atitude para com os trabalhadores. Geralmente, é improgressivo. Embarça o caminho do progresso jogando ainda com o estado da raça. Todos os elementos liberais, socialistas, radicais [e progressivos, por esse facto, se unem para o atacar, por parte ou no todo. Estes elementos bastantes vezes se unem aos I. W. W.. Para eles, os I. W. W. são a guarda avançada da nova sociedade, os protestantes militantes contra a reacção capitalista. Graças ao seu frequente apoio, os I. W. W. saiem muitas vezes triunfantes.

A imprensa e a educação dos I. W. W.

O progresso dos I. W. W. é também devido à sua imprensa. Publicam agora três semanários em inglês, uma revista mensal em inglês, e dezasete jornais noutras línguas. Manifestos, prospectos, boletins, panfletos, tem também sido impressos aos milhões. Tem sido grande, só como factor de educação. Esta parte das suas actividades é largamente subsidiada pelos seus membros e geralmente pela classe trabalhadora; ainda que reconhecida pelos seus adversários, que prendem os seus editores, confiscam a sua literatura, assaltam e encerram as suas agências de publicidade. A educação, a organização, a emancipação, são estrelas que guiam no firmamento os I. W. W., auxiliando-os a dirigir as actividades da classe trabalhadora e a criar a força dos I. W. W.

A historia dos I. W. W. é mais do que um relatório

A história dos I. W. W. é alguma coisa mais do que um relatório dos trabalhos realizados por uma organização trabalhadora. É a história da degenerescência capitalista—duma revolução social dando origem a uma nova sociedade, cuja estrutura os I. W. W. se esforçam por preparar de acôrdo com a evolução e com a aproximação da derrocada final do capitalismo, que parece já não estar muito longe.

Os I. W. W. e a acção directa

E' por estas razões que os I. W. W. são viciousamente deturpados e atacados. Por exemplo, a acção directa, uma das doutrinas básicas dos I. W. W. é falsa e geralmente apresentada como violência, dinamiteira e fora da lei. Nada tão fora da verdade, porque se a acção directa está fora da lei, então também o está a teoria democrática do governo americano, porque elas são essencialmente o mesmo. A acção directa quer dizer acção industrial directamente por, para, e dos próprios trabalhadores, sem o auxílio traiçoeiro dos falsos dirigentes dos trabalhadores ou dos políticos que só fazem planos. Uma greve que é iniciada, dirigida e resolvida pelos trabalhadores que ela directamente affectou, é a acção directa. Acção industrial para fins políticos, como uma greve geral para reforçar as leis operárias, conseguir leis favoráveis aos trabalhadores, e o veto para as leis injustas, assegurar a liberdade dos presos trabalhadores e políticos, e as indústrias para os trabalhadores, é acção directa. A direcção das indústrias, directamente pelos próprios trabalhadores, é acção directa. Acção directa é acção combinada, directamente no trabalho, para assegurar melhores condições de trabalho. Acção directa é a democracia nas indústrias.

Acção directa é a acção dos trabalhadores na obra que directamente lhes dá respeito. E' a acção sem recorrer á traição dos dirigentes ou dos políticos. As dezasete classes que asseguraram as quarenta e quatro horas de trabalho por semana, sem recorrerem á promulgação legislativa, mas ás greves ou ás ameaças de greve, usaram da acção directa. Os cortadores de madeiras

filiados nos I. W. W. que abandonavam as tarefas depois de trabalharem oito horas, até que o dia de oito horas estivesse garantido, usaram da acção directa.

A administração das indústrias pelos próprios trabalhadores, usando dessa administração para promover o bem estar e assegurar a emancipação dos trabalhadores, é acção directa. Acção directa quer dizer acção pacífica — greves, resistência passiva, menor actividade productiva, etc. — aplicada directamente á base da direcção e da exploração capitalista, principalmente á industrial, ou á base económica, pelos próprios trabalhadores, para seu beneficio e de toda a sociedade. Acção directa é, na sua definitiva aplicação, acção social, isto é, acção para o bem estar da sociedade, como contra as guerras e a destruição da civilisação pelo capitalismo.

Aplica-se a todas as doutrinas dos I. W. W. E' interpretada, não segundo o uso que dela fazem os I. W. W., mas do abuso que dela fazem os capitalistas. E a razão é evidente!

Os I. W. W. e a violência

Os I. W. W. são acusados de empregarem a violência. A violência que os I. W. W. empregam é a violência da resistência. E' a violência de abandonarem as máquinas de produção, e de paralisarem os interesses dos patrões. Não pode haver maior violência contra o capitalismo do que paralisar lhe os interesses e os dividendos por uma paralisação pacifica do trabalho.

Como William D. Haywood disse bem eloquentemente, quando discutia «a violência da

greve de Lawrence», na União dos Tanoeiros, em Nova York, em 21 de Maio de 1912 :

«Eles (os grevistas) não empregaram a violência excepto quando deixaram de pôr as mãos nas máquinas: mãos calejadas, mãos delicadas, mãos de crianças, algumas delas nodosas, rasgadas, estropiadas.

Mas tiraram as mãos das máquinas. E quando tiraram as mãos das máquinas as máquinas morreram.

«E foi esta a «violência» da greve de Lawrence. Não há nada mais violento aos olhos do capitalismo do que priva-los da força do trabalho da qual eles tiram o seu capital. Não há nada que enfureça tanta a classe capitalista, que a faça espumar de raiva tão depressa como ver um trabalhador com as mãos nas algibeiras, ou uma operária de braços cruzados, ou as crianças brincando com as bonecas, jogando ao pião ou á bola. Se pertencem ao exército trabalhador eles querem que todos trabalhem para eles. Vê-los desocupados quer dizer que o filão do ouro deixou de correr para os seus cofres; e é isto que faz a classe capitalista demente. E' isto que a tem enfurecido.»

A violência e os interesses capitalistas

O economista inglês, P. I. Dunning, diz a respeito dos interesses capitalistas :

Com lucros adequados o capital é muito arrojado. Dez por cento assegurará o seu empêgo em qualquer parte; 20 por cento produzirá impaciência; 50 por cento audácia positiva; 100 por cento deixa-lo há pronto para escarnecer de todas as leis humanas; 300 por cento, e não haverá crime

para que ele tenha escrúpulos, um risco que ele não corra, mesmo á custa de ser enforcado o seu possuidor.

A guerra com o seu imenso sacrificio da humanidade, e o seu aumento estupendo nos lucros capitalistas, prova que Dunning não exagerou. E' ainda o capital, «o capital que vem ao mundo», na frase de Marx, gotejando da cabeça aos pés, de todos os poros, com sangue e lama», é este capital que acusa os I. W. W. de empregarem a violência: O', que mangação com a verdade e que credulidade da espécie humana!

A história dos I. W. W. é variável

Além da sua história ser falsamente apresentada pelos seus adversários capitalistas, a história dos I. W. W. é uma história de alterações, de tendências, de adaptação ás condições e necessidades. Muitas vezes isto dá a impressão de que os I. W. W. são anarquicamente caóticos (no sentido burguês) quando seguem apenas a evolução.

Os I. W. W. começaram, em 1905, como uma tentativa para se consolidarem as uniões existentes num unionismo industrial em que todas fôsem abrangidas. A tentativa faliu.

Foi uma vez mais o caso de deitar vinho novo numa garrafa velha. Isso fez com que os I. W. W. se não encontrassem em parte alguma, excepto num estado de declínio.

Foi só quando os I. W. W. organizaram novos elementos no mundo industrial que conseguiram uns firmes alicerces e se desenvolveram. Os trabalhadores errantes e sem aptidões impediam

os I. W. W. de abandonarem as velhas formas de unionismo que ainda não acabaram de todo, mas que tem sido de um inestimável valor para a classe trabalhadora, como mais acima já ficou indicado.

Os I. W. W. e os políticos

Da mesma forma, os I. M. M. começaram como uma tentativa para fundir (unir) os militantes de tendências políticas e económicas socialistas do país. Esta tentativa também faliu. E a causa foi devida ás mesmas razões que provocaram a falência do movimento anti-«trust», principalmente: a submissão impossível das forças económicas básicas, aos regulamentos e direcção politica superficial.

Os dois partidos socialistas fizeram dos I. W. W. campo de batalha para a sua própria supremacia. Os I. W. W., como matéria da própria conservação, teve que se ver livre, primeiro de um, depois do outro. O progresso crescente e os resultados económicos mostraram a prudência de substituir a supremacia e o dogma teórico pela verdadeira organização da classe trabalhadora.

A traição do socialismo politico

A traição exercida pelo movimento politico socialista contra o movimento económico da classe trabalhadora foi também uma das causas da transformação da filosofia politica dos I. W. W. A greve geral sueca que foi atraçoada pelos dirigentes social democratas, com o fim de poderem manter o seu prestígio político, é um caso que serve de exemplo. Os actos officiais de Mil-

lerand e de Briand, na França, são também dignos de nota por contribuírem para a mudança política dos I. W. W.

O zombar constantemente da greve geral apresentando-a como uma medida anti-guerreira, por parte dos social democratas alemães, auxiliou ainda mais a tendência. Da mesma maneira aconteceu com a preferência prática, se não teórica, do partido socialista americano para com o Gompersismo e unionismo de classe como foi expresso na expulsão de Haywood, e nos ataques de anti-sabotage, ambos os quais custaram ao partido socialista a perda de 50.000 aderentes, e que Hillquit, no seu discurso na convenção de St. Louis, admitiu substancialmente que tinha sido muito nocivo para o partido socialista deste país. Quanto ao partido operário socialista, transtornou-se numa agência policial de fura-greves subsidiada pela classe capitalista pelo seu zelo para esmagar o partido operário não socialista dos I. W. W. Depois de tudo isto, acusareis vós os I. W. W. por prescindirem dos movimentos socialistas como uma parte integrante de si mesmo? Que os movimentos socialistas do mundo provem pelos seus actos o seu character proletariano, e eles não terão maiores amigos do que os I. W. W., que apenas estão muito anciosos por se unirem com os trabalhadores de toda a parte.

Ascendência crescente da indústria

Havia ainda outras razões mais importantes para que os I. W. W. abandonassem a politica convencional de que a tentativa dos partidos socialistas para dominarem os I. W. W., ou a geral traição do socialismo político. O emprêgo crescente

da acção industrial para efeitos politicos deu resultados favoráveis aos trabalhadores, como o caso da triplice aliança inglêsa é um dêes. Tais casos mostram que a acção industrial é politicamente de mais efeitos do que o parlamentarismo. Encontram-se outras razões na ascendência crescente sobre os politicos, especialmente durante a guerra. A guerra foi de origem essencialmente industrial, prosseguindo por meios que, em última análise foram de character essencialmente industrial. Ainda mais, a guerra desenvolveu formas industriaes de administração que foram simbolizadas muitos anos antes pelas teorias e meditações dos I. W. W. a respeito das formas de governo na sociedade futura.

Anos antes de ter começado a guerra, os visionários dos I. W. W. anteviam o tempo em que os congressos politicos seriam substituidos pelos congressos industriaes. Chegou-se já bastante a esse resultado, sendo disso testemunho os conselhos da guerra em Inglaterra e nos Estados Unidos e a conferência em volta da mesa extra politica neste país depois da guerra, para não mencionar a Russia Sovietista, com a sua representação baseada nas fábricas, nas oficinas e noutras uniões. Estas tendências continuarão ainda mais no futuro do que no passado; a não ser que falhem todos os indicios.

E' devido a êstes factos salientes, combinados com o terrível fiasco trágico do socialismo politico na Alemanha, com a sua « falta de senso » que se manifesta na « greve geral » pró-Kaiserliche, e o seu sovietismo pró-capitalista e anti-industrial — é devido a todos estes factos combinados que os I. W. W. se teem salientado ainda mais da confusão política para uma claresa mental

que reconhece, como Carlos Marx, que a classe que administra os meios de produção e de distribuição na sociedade, domina ao mesmo tempo a sociedade, tanto politicamente como por todas as formas.

A política é inerente á indústria

A combinada traição e falência do socialismo político, juntamente com o levantamento da indústria como verdadeira força política, tem feito com que os I. W. W. olhem para as próprias indústrias e para dentro da organização industrial dos trabalhadores por causa da futura política da classe trabalhadora. E, procedendo assim, tem reivindicado politicamente os I. W. W., proporcionando-lhes o saírem da guerra mais fortes do que antes, deixando, com efeito, mais fraco o socialismo político.

Os grandes movimentos das uniões, no país como no estrangeiro, depois da guerra — principalmente a decisão do Congresso trade-unio-nista inglês, de 1919, a favor da acção industrial e contra o parlamentarismo como um factor político, combinado com a apresentação do plano Plumb pelos ferroviários americanos — provam, com efeito, que os I. W. W. profundam politicamente e que triunfam realmente!

As influências práticas dos I. W. W.

Os I. W. W. não são anti-políticos nem não-políticos. São ultra-políticos. As suas actividades industriais tem affectado as instituições políticas do país duma maneira favorável aos trabalhado-

res. George West, o bem conhecido jornalista e publicista, deu a sua autorisada opinião de que a gréve de Lawrence, dos I. W. W., em 1912, precipitou a elaboração de medidas favoráveis aos trabalhadores, pelo partido progressista. Não há dúvida de que os liberais e os progressistas em geral, teem sido influenciados pelas actividades dos I. W. W., quando se esforçam por melhorar, pela legislação, as condições dos trabalhadores, como nas administrações federais e do estado. Depois da greve de Wheatland, a comissão de habitações da Califórnia, usou da sua autoridade para melhorar as condições dos trabalhadores em todos os estabelecimentos do estado. No primeiro período da guerra, graças á greve dos cortadores de madeiras e dos I. W. W., o governador de Washington e de Carlton Parker, do Conselho Federal, recomendou o dia de oito horas para a indústria de madeiras. Em muitos estados a A. F. of L. apresenta os fantasmas dos I. W. W. para conseguir promulgações da legislação, assim como pelo mesmo processo consegue concessões dos patrões. Sem dúvida que os I. W. W. são ultra-políticos.

Deve aqui dizer-se que, como factor ultra político, os I. W. W. exercem a sua influência sobre os partidos políticos. Na greve de Lawrence, em 1912, destruiu as aspirações presidenciais democráticas do governador Foss criticando-lhe o abuso que fez da milícia. A mesma greve causou uma revolução no partido socialista, que o conduziu á expulsão de Haywood, aos ataques anti-sabotage, á perda de 50.000 aderentes e aos sentimentos manifestados por Hillquit no seu discurso na convenção de St. Louis.

A história dos I. W. W. repetindo-se

Actualmente, a história está-se repetindo uma vez mais. Mesmo John S. Spargo, na *Mc Clure's Magazine*, de Setembro, apela para a abolição dos I. W. W. pela abolição das suas causas, ou seja o capitalismo. Outros, mais francamente capitalistas e menos professamente socialistas, estão empregando praticamente o mesmo argumento, isto é, matar os I. W. W. pela remoção das condições que os criaram.

Ainda mais, os professores escolares, os historiadores, os críticos de livros e os enchedores de linguadões de papel, começam agora a descobrir que os I. W. W. são os precursores do Bolchevismo, que o programa do Partido Trabalhista Britânico (British Labor Party) é o programa Plumb, com o que se deve contar para melhorar as condições dos trabalhadores, dando-lhes um voto na indústria e removendo os descontentamentos donde proveem todos estes movimentos. Em outras palavras, o liberalismo político é uma vez mais influenciado pelos I. W. W.

Os I. W. W. e o partido republicano

Os partidos políticos revelam também, como antes, os seus conhecimentos da existência dos I. W. W. O partido socialista é mais amigável. Prestou muito auxílio aos I. W. W. durante o histerismo guerreiro de que resultou a perseguição a todos os elementos progressivos. Agora acusa o unionismo industrial em geral, enquanto os seus rivais, o partido operário comunista e o partido comunista, acusam os I. W. W. especi-

ficamente e sem reservas. Os próprios membros do partido operário socialista estão discutindo o vigor político e as táticas do seu próprio partido deixando-o unir-se aos I. W. W. No senado dos Estados Unidos, os senadores Walsh, Ashhurst, King, Poindexter, Borah e outros gastaram horas a discutir os I. W. W. O presidente Hays, do comité nacional republicano, segundo o *Boston Globe*, num discurso pronunciado em Massachusetts, em 27 de Agosto, disse: «Os republicanos querem, depois da próxima eleição, encarregar-se dos problemas que agora assoberbam o país e resolvê-los. Os trabalhadores terão plena representação nos conselhos da nação, proporcional á sua lealdade e á sua dignidade. Quanto aos I. W. W., são uns traidores, e para os traidores ha apenas um remédio: é agarrá-los e colocá-los contra uma parede».

Isso não será necessário se, como diz o presidente Hays, os republicanos resolverem os problemas que agora assoberbam a nação. Estes problemas, comtudo, teem uma maneira de ser resolvidos por aqueles que pensam, como o presidente Hays, encarregarem-se eles de os resolverem. O resultado é o de dar mais aderentes aos I. W. W. Mesmo agora, o processo está passando sob os olhos do presidente Hays. E tudo quanto ele pode ver é um muro de pedra para aqueles que vêem melhor do que ele.

Os I. W. W. já não são os dos primêiros dias

Mas isto é uma digressão. Voltemos ás nossas considerações filosóficas da história dos I. W.

W. Quando o fazemos encontramos ainda outras mudanças nos I. W. W. Tomemos o caracter impulsivo dos primeiros tempos dos I. W. W. Comparemos isso com os mais assentes e determinados I. W. W. de hoje. Há uma razão

Nos seus primeiros tempos, os membros dos I. W. W. entregavam-se inteiramente á defesa da revolução mexicana contra Diaz. Empregavam-se tambem em violentas manifestações nas lutas pela liberdade de palavra nas cidades occidentais, o que lhes custou muitas vidas e muitos dias de prisão. Lançavam-se em auxílio de todas as greves e tornaram-se os perseguidos da terra por amor aos trabalhadores. Eram o «esquadrão de atiradores da liberdade» avançando em toda a parte para a frente pela causa da classe trabalhadora. Queriam realizar a sua grande idéa, não servindo apenas teóricamente o proletariado, encaminhando-o melhor nas táticas e na organização.

A fábrica é o Estado dos trabalhadores

Ainda não mudaram as primeiras idéas dos I. W. W. Mas mudaram as condições e com elas os I. W. W. Com o desenvolvimento dos I. W. W., como verdadeira organização, organizada por trabalhadores pouco inteligentes, errantes, e com uma ascendência da indústria como factor unionista e político, começaram os I. W. W. a observar que os trabalhadores são todo-poderosos na fábrica e que é ali o lugar em que eles devem exercer a sua função. A obra — a fábrica — é, assim pensam os I. W. W., o Estado dos

trabalhadores, o meio e pelo qual introduzirão as reformas e a sociedade nova. Daqui, a grande dedicação que os I. W. W. dispensam á obra da organização, de preferência a todas as outras actividades.

A guerra, o capitalismo e os I. W. W.

A guerra deu, especialmente aos I. W. W. uma estupenda lição, impressionando-os talvez mais do que quaisquer outros elementos sociais. A guerra, desejando destruí-los, deu aos I. W. W. uma melhor compreensão da sua própria organização e das suas necessidades. As perseguições e as deportações teem mostrado que os I. W. W. se não limitam a uma secção, teem um escopo nacional e também internacional, e que, conseqüentemente, devem agir mais intensivamente em sua própria defesa. Ainda mais, as lições da guerra revelaram o vasto desenvolvimento da organização capitalista, e a necessidade de uma também vasta organização de trabalhadores que suplante os males presentes e consiga a derrota em prespectiva. A guerra despertou os I. W. W. para a realização da tremenda tarefa posta ante os trabalhadores, para que se salve a sociedade do regresso á selvageria em defesa do progresso, avançando para uma sociedade nova.

Rejeição da sabotagem

A guerra fez com que os I. W. W. regeitassem as doutrinas que possam ter prégado mas nunca ter praticado. Um dos mais agressivos adversários dos I. W. W., Rodolph Katz, pre-

tendeu lançar o bem amontoado ridículo sobre os I. W. W. quando disse: «Os I. W. W. pregam a sabotagem mas não a praticam. A A. F. of L. pratica a sabotagem mas não faz propaganda dela.» (Esta última referência é feita ás actividades dinamitistas dos operários constructores de edificios de ferro, sob a direcção de Mc Namaras). A guerra criou condições que fizeram com que os I. W. W. abandonassem essa doutrina por desnecessária ao progresso, e, de facto inútil.

O capitalismo é o verdadeiro sabotador

A guerra descobriu as combinações do capitalismo, como verdadeiros sabotadores da sociedade moderna. Mostraram estas combinações abortando e retardando a guerra, com o fim de primeiro garantirem os seus interesses e a pilhagem como nos escandalos levemente produzidos no noroeste. Mostraram essas combinações açambarcando os fornecimentos alimentares da nação, e por outro lado sabotando os seus recursos só para seu enriquecimento e se fortalecerem. Mostraram com isso a necessidade de evitar á sociedade mais sabotagem capitalista, por meio do plano dos I. W. W. de socialização da propriedade, isto é, apropriação pelos seus muitos organismos industriais em vez de pelas poucas combinações capitalistas. Daqui a rejeição da sabotagem pelos I. W. W., mesmo como doutrina a propagar ainda que nunca praticada.

O capitalismo é quem usa da violência

Outro tanto acontece com a violência e a ilegalidade — se os I. W. W. tivessem feito esta propaganda, o que não é verdade, necessitavam não a tornar a fazer. Eles tem muitissimo trabalho reconstrutivo a executar, para salvarem os povos da terra — as classes trabalhadoras de todas as nações — da violência e da ilegalidade capitalista. A guerra trouxe também essa lição aos I. W. W. Pela boca do presidente Wilson, no seu discurso na Liga das Nações, em St. Louis, apresentou-se o capitalismo como causa da guerra e de toda a falta de humanidade e de leis que a protegessem. Para o capitalismo é um mal os I. W. W. pré-garem a violência, enquanto ele chacina milhões, estropia muitos milhões mais e destrói biliões de riqueza e de propriedade. Para o capitalismo é um mal os I. W. W. pré-garem a ilegalidade, enquanto ele destrói os próprios direitos constitucionais, e faz com que a luta para a democracia mundial seja na realidade um triunfo para a plutocracia mundial. Seja pois assim. Os I. W. W. não serão mais acusados, sequer, de apregoarem estas doutrinas, mas de empregarem o seu tempo em organizar os trabalhadores de forma a tornar impossivel as práticas capitalistas. Construção e não destruição, é o programa que a guerra e as suas lições, hoje mais do que nunca, impulsiona os I. W. W. Não o lado crítico, mas o lado affirmativo dos I. W. W.» como amigavelmente lhe chamam os historiadores, que agora é posto á prova, como outra lição da guerra, da violenta sabotagem e da ilegalidade capitalista que a acompanharam.

A cooperação é a política actual dos I. W. W.

Outras mudanças podem ainda ser notadas nos I. W. W. — abandono das velhas questões, tanto sobre centralisação como descentralisação, por um meio mais democrático e de cooperação entre os dois extremos. Reconhecem agora que a centralisação é uma forma pesada, destruidora de confiança em si próprio e da existência contínua, a despeito da perseguição a que está sujeita a classe trabalhadora organizada. Reconhece-se também que a descentralisação leva ao isolamento e á fraquesa. Necessita-se de mais coesão e de mais força do que aquela que pode ser prestada pelos pequenos grupos e pela sua acção local. Não se adapta ás grandes indústrias de hoje, com os seus exércitos de trabalhadores de todas as profissões, trabalhando em comum ás ordens dum centralismo capitalista, agindo de combinação com outras entidades semelhantes. Sob tais circunstâncias, a descentralisação só descentralisa as fracas organizações da classe trabalhadora, esfrangalhando-as com as suas discussões teóricas. A cooperação é um remédio tanto para a descentralisação como para a centralisação. Cooperação, não por amor á teoria, mas por amor dos resultados presentes. Cooperação de baixo para cima, em vez da coerção de cima para baixo; cooperação numa escala industrial em vez de numa escala de grupos insignificantes. Cooperação entre delegados de obras, de fábricas, de ramos de indústrias, das uniões de indústria. Uma Grande União administrativa das organizações trabalhadoras de todo o mundo. E', na prática, a reacção dos I. W. W., pelo

seu próprio desenvolvimento da democracia industrial em oposição á autocracia capitalista.

A guerra foi uma suprema experiência para os I. W. W.

A guerra foi a experiência suprema para os I. W. W. Sob o disfarce do patriotismo viram-se atacados por todo o país, principalmente por iniciativa dos grandes interessados nas companhias florestais, mineiras e agrícolas, contra as quais tiveram que declarar-se greves. O ataque estendeu-se a toda a nação, selvagem e desumano.

Os I. W. W. sofreram o linchamento, o assassinato, o alcatroamento e o fogo, as deportações, a loucura pela perseguição, as intimidações e o terrorismo. Usou-se da conscrição e deportaram-se para o estrangeiro, pretendendo esgotar-lhe a vitalidade e o número de aderentes. Vincent St. John, no seu excelente panfleto, «A História, Estrutura e Métodos dos I. W. W.», refere se muito bem a êste período quando diz: «Mas, a despeito de tudo, os I. W. W. vivem ainda, e devagar, mas com firmêsa, vão construindo a organização que hà de romper as algemas da escravidão do salariato, que oprimem os trabalhadores de todo o mundo, e hà de fazer da terra um lugar apropriado para ser habitado por homens e mulheres livres.» (pág. 34).

A guerra não só não destruiu os I. W. W., mas provocou a quêda do czarismo russo, começando para os trabalhadores a posse, direcção e gerência por meio dos seus comités e sovietes de fábricas, dando um impulso sem precedentes aos princípios e formas de organização industrial

dos I. W. W., espalhando-os por e para os trabalhadores de toda a parte. A guerra, pela sua reacção sobre a Rússia e por toda a Rússia como por todo o mundo, deu aos I. W. W. maior vida como jámais havia possuído.

IV

Formas e princípios dos I. W. W.

Os trabalhadores nunca compreenderam tanto a sua importância como hoje. Encontram-se descontentes e insatisfeitos. Lutam pela realização duma sociedade melhor como nunca lutaram até hoje. Quais outro Prometeu, esforçam-se por se libertarem das forças da reacção a que estão amarrados.

A guerra indicou aos trabalhadores o que eles significam para a vida. O presidente Wilson, discursando na convenção da A. F. of L., disse bem claro que sem os trabalhadores, nem as guerras podem ser ganhas nem os governos podem sobreviver. O kaiser Guilherme, apelando para os trabalhadores das fábricas Krup, de Essen, para que defendessem a sua pátria, demonstrou que sem trabalho **não pode haver Pátria.**

Em resumo, a guerra demonstrou que **o trabalho é que é o Estado. E' a rocha que alicerça a sociedade moderna.** Quando esta rocha se move, como com um tremor se movem as rochas da terra, é quando há um levantamento. **Caiem os sistemas; é destruída a ve-**

lha sociedade ; transforma-se a face da vida moderna.

As condições predominantes depois da guerra só teem servido para mostrar aos trabalhadores as próprias lições da guerra. Teem dado aos movimentos operários uma tal importância que fazem tremer os govêrnos. A tríplice aliança operária, em Inglaterra, composta pelas uniões dos mineiros, dos ferroviários e dos trabalhadores de transportes, levanta-se para ameaçar o mentiroso govêrno com uma grande greve a favor da República sovietista russa e pela solução dos problemas inglêses sem se recorrer ao emprego do militarismo contra os trabalhadores. Neste país, a defesa da Liga das Nações pelo presidente Wilson é interrompida pelas reclamações dos trabalhadores, exigindo mais salário ou diminuição dos preços das coisas.

Objectivo dos I. W. W.

O Trabalho, o Trabalho gigante, o Trabalho reanimado, está-se tornando o poder dominante. Resta-lhe só organizar-se de forma a tornar efectivo esse poder. O objectivo dos I. W. W. é — dar ao trabalho uma forma de organização que o torne invencível.

Para compreender o objectivo dos I. W. W. é necessária uma coisa. Deve reconhecer-se que o objectivo final dos I. W. W. é transferir a posse e a gerência das indústrias das mãos particulares dos indivíduos, das mãos dos capitalistas, para as mãos dos trabalhadores.

Todas as outras actividades dos I. W. W. são afluentes ou, falando mais claro, processos destinados a atingir o objectivo principal da orga-

nização, — a revolução industrial. Para que os trabalhadores tomem conta das indústrias dirigindo-as com eficiência, devem primeiro ser educados e ao mesmo tempo organizados. Sem que os trabalhadores abandonem a sua mentalidade capitalista, e compreendam a inteira necessidade da solidariedade entre as fileiras dos trabalhadores, eles não podem organizar-se; sem uma consciência de classe fortemente organizada e sem uma classe trabalhadora decidida, não é possível a revolução social. Daqui a trilogia defendida pelos I. W. W., **Educação, Organização, Emancipação.**

Os I. W. W. são ultra-políticos

Isto leva-nos a outra debatida questão, principalmente: Os I. W. W. acreditam e preconizam alguma política? Absolutamente! Os I. W. W. não são anti-políticos nem não políticos. Os I. W. W. são ultra-políticos. Isto é, os I. W. W. reconhecem que a obtenção de votos e o conseguir empregos não é política de natureza fundamental. Política é a gerência governamental por meio da gerência das indústrias. Política é o domínio da sociedade por meio da gerência dos seus meios de subsistência. É a mudança da política de base territorial para uma política de base económica que constitui a revolução moderna, como a reflectida na República Sovietista Russa, a supremacia ofuscada dos «trusts» nos Estados Unidos e o domínio crescente das organizações dos trabalhadores nos assuntos dos governos da Inglaterra e dos Estados Unidos. Os I. W. W. são anti-políticos? Por favor não façam de novo esta pergunta. Falta-nos o tempo para outros trabalhos.

Os trabalhadores do cérebro e os I. W. W.

O' sim; quási que esquecíamos a mais palpitante das questões. Os I. W. W., ¿ organizam os trabalhadores do cérebro? Como nós não conhecemos trabalhadores que trabalhem sem cérebro, somos compelidos a responder, «sim». Seria ridículo para os I. W. W. o irem ás salas de anatomia e organizarem sómente os craneos sem cérebro em que os estudantes ali operam. Os I. W. W. organizam todos os trabalhadores salarizados — todos eles, não importa como sejam empregados ou explorados pelos patrões. Um professor de escola que é explorado no seu salário por uma comissão de educação, pode formar, com os seus colegas explorados, uma união industrial de educação dos I. W. W. Um génio sôbre electricidade empregado por um «trust» industrial por um salário elevado, como Steinmetz, da Companhia Electrica Geral, de Schenectady, N. Y., por exemplo, pode vir a ser, se ele o quizer, um membro da União Industrial dos Trabalhadores de Electricidade dos I. W. W. Em suma, os I. W. W. organizam todos os que trabalham por um salário, sem olhar á classificação que não é considerada obstáculo á filiação. Só se exceptuam os acionistas, os proprietários, os patrões — todos os que não vivem dum salário.

Os I. W. W. são uma organização de trabalhadores salarizados, justamente porque trabalham, sem distincção de officio, sexo, côr, religião, ou de qualquer outra, incluindo o feitio das camisas ou des colarinhos.

Os nêgros e os I. W. W.

«¿ O quê?», ouvimos nós gritar alguém (alguem do sul, com prejuizo do sudoeste, muito provavelmente) «¿ você não quer dizer que vocês orgazizam os Nêgros; que fazem dele um igual do branco na vossa união industrial dos I. W. W.» Isso é verdade, sr. interrogador. Assim como somos compelidos pelo patrão a trabalhar na fábrica numa igualdade de escravidão de salários com o Nêgro, assim nós não vemos porque não devemos juntar-nos com ele na nossa união baseados na mesma igualdade. O Nêgro é explorado precisamente como nós somos. ¿Porquê, então, não deviamos nós organiza-lo precisamente como nós nos organizamos — «nós os brancos?» A pretenção de que o Nêgro pode ter um craneo diferente, é uma selvagem criancice, de que nunca pode ser educado acima dum emprêgo doméstico, de que tem um odor especial, de que é cubicoso, desonesto, traiçoeiro, excepto quando é dominado como um potro e todos esses outros «toiros», isso nunca incomoda o patrão. Ele aluga o Nêgro para ocupar o nosso lugar quando declaramos a greve. Ensina-o a trabalhar com as máquinas, desenvolve-lhe o cérebro duma forma nunca dita. ¿ Porquê, então, devemos nós afastar o Nêgro? Não o fizemos nem o faremos, como não afastamos o judeu, que, pela mesma maravilhosa argumentação, pode dar cartas e truñfos ao Nêgro a respeito de assuntos biológicos, craneológicos, malodori-feros, e outras faltas.

Sim, senhor, os I. W. W. pretendem organizar todos os homens, mulheres e crianças que estão no barco de água aberta e já apodrecido

do capitalismo, de forma a que possamos todos juntos, empurrá-lo para longe da praia da segurança e da liberdade social. Do trabalhador do cérebro como do Nêgro — do pequeno atrofiado como da mulher robusta — de todos os escravizados do salário, tiram os I. W. W. a sua fôrça. São abraçados por todos eles, porque eles os abraçam a todos.

Mais especificadamente, ¿ como pretendemos nós fazer isso? Leiam, e nós tentaremos dizê-lo.

Comparando a A. F. of L. com os I W. W.

As comparações podem ser odiosas, mas elas são também instrutivas. Comparando as formas e os princípios de organização da A. F. of L. com os dos I. W. W. podemos compreender melhor êstes últimos.

A A. F. of L. organiza por officios, os I. W. W. por indústrias. A A. F. of L. separa o trabalho, os I. W. W. unem-o.

A A. F. of L. declara que «são idênticos os interesses do capital e do trabalho». Os I. W. W. afirmam que «a classe trabalhadora e a classe patronal nada teem de comum».

A A. F. of L. crê que o sistema capitalista será o último e por esse facto resiste ao desenvolvimento de uma sociedade nova. Os I. W. W. crêem que o capitalismo é um estádio no progresso social, que está desaparecendo, e por isso os I. W. W. se organizam industrialmente a fim de preparar os trabalhadores para tomarem conta das indústrias e da sociedade quando o capitalismo tiver desaparecido.

A A. F. of L. organiza por officios para ne-

gociar. Os I. W. W. organizam-se por indústrias para se apoderarem das indústrias.

A A. F. of Labor é o baluarte do capitalismo. Os I. W. W. são a estrutura da sociedade nova irígida no invólucro da velha.

A ilucidação auxiliará a comparação para se obter uma melhor compreensão possível dos objectivos dos I. W. W., que são como seguem :

A A. F. of L. considera uma indústria como uma série de officios autónomos que se podem federar para protecção mútua. A A. F. of L. pode ser comparada com o homem que escolhe e separa os vários fios de um cabo de aço para depois os atar com um cordel na crença de que lhe conservará intacta a sua resistêcia original. Os I. W. W. não se fiam em tais illusões. Consideram os officios como os fios interlaçados do cabo de aço da indústria e como tal os organizam. Tecem depois todos os cabos de aço das indústrias isoladas num cabo de aço de todas as indústrias, fazendo-o assim capaz de resistir ao pêso de qualquer ataque do capitalismo sobre a classe trabalhadora, justamente da mesma forma que uma grande multiplicidade de cabos de aço de uma ponte de suspensão aguenta com a tremenda tonelagem da estrutura.

Como a A. F. of L. desorganiza

Demonstremos :

Nas indústrias de impressão e de publicação, por exemplo, a A. F. of L. dividiu os trabalhadores em vinte e duas separadas uniões de officio. Estas organizações não trabalham nem podem trabalhar de acôrdo. Acreditando na autonomia de classe e local, e nos interesses mútuos do ca-

pital e do trabalho, organizam-se separadamente em cada cidade fazendo separados contractos com os patrões dessas cidades. São assim compelidos a conservar e a aumentar os interesses do próprio comércio dos patrões, em cada localidade, contra os interesses dos seus camaradas trabalhadores da mesma localidade e doutras partes.

As greves dos impressores de San Francisco e de Chicago perderam-se porque os contractos isolados das uniões e do comércio evitaram a acção unificada por parte dos esterotipadores e compositores simpatizantes, que de boa vontade actuariam com os seus camaradas-trabalhadores mas que pelo contracto tiveram que proceder doutra forma.

O movimento «44-14» da cidade de Nova York, perdeu-se por causa das mesmas táticas de separação. Os impressores, os marginadores, os compositores, etc., de Filadélfia e de Boston, assinaram contractos regulando para eles os salários e as condições nas suas respectivas cidades. A situação assim criada foi aproveitada contra o movimento «44-14» da cidade de Nova York. Os editores de Nova York tiveram os seus trabalhos impressos naquelas cidades, no bem sucedido esforço de forçar os seus empregados a voltarem ao trabalho. A situação complicou-se ainda mais pela conduta dos foto-gravadores, electro-tipistas, encadernadores e outras uniões de Nova York, que se recusaram a trabalhar para os patrões que produziram o movimento «44-14». Além disso, eles forneceram para as revistas, chapas foto-eléctricas, reproduzidas de escrita á máquina, contra as quais os seus camaradas trabalhadores das indústrias de impressão e de publicação estavam em greve. Para agravar ainda

mais a situação, os dirigentes oficiais dos impressores, marginadores e compositores em greve colocaram-se com as associações dos patrões, de acôrdo com os contractos do comércio e dos interesses mútuos do capital e do trabalho, com o resultado de que cinco uniões dos impressores foram postas fora da lei e atraçoadas pelas uniões oficialmente organizadas; e os «abandonados» foram denunciados como bolchevistas e como Hunos do movimento operário. Em vez de terem sido auxiliados com espirito de solidariedade — com o espirito de todo o trabalho contra todo o capital — o movimento «44-14» de Nova York foi atacado pelo «unionismo» da A. F. of L. com o espirito de «vitória só para os patrões». O ataque foi um successo.

A A. F. of L. separa os trabalhadores

Estes defeitos trouxeram a desunião causada pelas divisões de officio e locais da A. F. of L. e pela applicação prática da sua teoria dos «interesses mútuos» nas indústrias de impressão e de publicações. Elas demonstraram que a A. F. of L. é uma separação em vez de uma unificação do Trabalho. Este não se pode unir adotando princípios de uma tal organização.

Estes defeitos, contudo, não se limitaram ás indústrias de impressão e publicações. São norma de todas as indústrias que estão mal organizadas pela A. F. of L.. Estas indústrias estão espalhadas em 117 uniões internacionais, que, por sua vez, são divididas em uniões locais, cada uma com contractos diferentes. Por exemplo, durante a recente greve dos trabalhadores das docas de Nova York, mostrou-se que os acôrdos

feitos pelos dirigentes da Associação Internacional dos Descarregadores com as corporações de Marinha, dividiram os trabalhadores de cada porto em duas categorias diferentes, cada uma com diferentes escalas de salários e de interesses. Estes acórdos colocaram, depois, um porto contra outro porto. Com tais acórdos, podia um porto defender outro porto?

A separação causada pela A. F. of L. fez com que os trabalhadores não apresentassem uma frente unida contra a agressão capitalista. As teorias dos interesses mútuos do capital e do trabalho preconizados pela A. F. of L. combinados com a finalidade do sistema capitalista, fazem com que esta separação faça dos trabalhadores os piores inimigos de si próprios. E isso faz da A. F. of L., por outro lado, o baluarte e a maior esperança do capitalismo. Os capitalistas, como Gary, que combatem a A. F. of L., desconhecem o seu character essencialmente capitalista e a sua função como protetora do capitalismo.

Como os I. W. W. organizam — Uma grande união

O divisionismo, para a destruição da unificação da classe trabalhadora e conservadora do capitalismo, não podia acontecer nos I. W. W. Onde a A. F. of L. organiza uma indústria em vinte e duas frouxas uniões de classe federadas, separadas pelos contractos e autonomia locais e de classe, os I. W. W. organizam todos os trabalhadores dessa indústria, tal como eles trabalham, baseados na luta de classes. Organizam os trabalhadores em conformidade com a organização da indústria em que eles são emprega-

dos. Não ha divisão segundo a localidade, ferramenta com que trabalham, inteligência requerida, ou especialidade do trabalho executado, mas organização segundo os productos, transportados ou comunicados por toda a parte.

A união industrial não permite que uma secção do país, ou uma classe duma indústria seja contra outra, em detrimento dos trabalhadores, mais do que as associações dos patrões o são umas contra as outras em detrimento do capital. Na greve dos trabalhadores de florestas, filiados nos I. W. W., em 1917, a indústria de madeiras nos cinco estados do noroeste apertou-se mais do que um tambor durante mais de três meses. Ali não havia antonomia de classe nem local. Havia acção industrial com resultados industriais, com o fim de beneficiar os trabalhadores.

A organização mundial e por oficinas, dos I. W. W.

A célula da organização da união industrial é a officina, a fábrica ou o estabelecimento em que os trabalhadores são empregados. Esta officina, fábrica ou estabelecimento é, por sua vez, organizada numa secção local da união industrial, ou união da indústria em que essa fábrica trabalha. A secção pode ligar-se com as secções doutras uniões industriais num conselho de distrito, ou pode ligar-se com o conselho de distrito de outras secções da própria união industrial. As uniões industriais são, por sua vez, levadas a unir-se numa grande união — nos Trabalhadores Industriais do Mundo, que se espalha lá fora quando e onde quer que uma indústria tenha possibilidade de se alargar. São um facto as corporações

mundiais e a indústria mundial ; e o mesmo deve ser a organização mundial dos trabalhadores.

Os I. W. W. promovem a solidariedade de classe

A solidariedade é a idea em que se apoia a forma de organização dos I. W. W.! A Solidariedade Industrial ! A Solidariedade da classe trabalhadora ! José J. Ettor, falando aos tecelões grevistas de Lawrence, no Salão Franco-Belga, em 25-1-1912, espalhou o mais eloquentemente a idea dos I. W. W., quando disse :

«Os dias que acabam de passar demonstram o poder dos trabalhadores. O poder dos trabalhadores consiste nalçuma coisa mais do que o poder dos capitalistas. O poder dos capitalistas bazeia-se na proprie ade. A propriedade faz deles todo-poderosos, social e politicamente Porque eles dominam as instituições de ataque é de defesa; eles teem as leis, o exército, todas as coisas! Podem empregar agentes que vão colocar dinamite e provocar a desordem entre os trabalhadores, com o fim de os derrotarem.

«A despeito de tudo isso, os trabalhadores teem ainda alguma coisa mais poderosa. O poder dos trabalhadores, essa coisa mais poderosa do que toda a propriedade, todas as metralhadoras, todas as fôrças e tudo quanto está do lado opôsto, é o laço comum de solidariedade, de fins, de ideais. O nosso amor á solidariedade, os nossos fins e a nossa afeição de uns para com outros como trabalhadores, torna-nos mais sólidos e unidos do que todas as bombas e dinamite que os capitalistas teem á sua disposição. Se todos os trabalhadores do mundo querem ganhar, tudo quanto teem a fazer é reconhecer a sua própria solidariedade. Não teem mais a fazer do que cruzar os braços e o mundo paralisará. Os trabalhadores são mais poderosos com as mãos nas algibeiras do que toda a propriedade dos

capitalistas. Quando os trabalhadores meterem as mãos nas algebras os capitalistas não podem meter as suas. Com a resistência passiva, os trabalhadores recusando-se absolutamente a mover-se, permanecendo absolutamente silenciosos, são mais poderosos do que todas as armas e todos os instrumentos que do lado oposto teem para proteger o ataque».

Estas palavras provaram ser proféticas em mais de uma ocasião, depois da greve de Lawrence, em 1912.

O delegado da obra

O trabalho de organização, pelos métodos actuais dos I. W. W., é geralmente começado pelo delegado da obra. Ele é um dos membros que trabalha na obra, isto é, que é regularmente empregado numa oficina ou numa fábrica, etc.. E' investido de poderes pela sua união industrial para organizar essa obra. Aceita e inicia, como novos membros, todos os salarizados empregados na obra.

Ilucida-os sôbre os seus direitos e os seus deveres; fornece-lhes os necessários livros, sêlos, estatutos, referendos, e outros objectos da organização. Quando a obra está suficientemente organizada, convoca a oficina para uma reunião e entrega-lhe os seus trabalhos de organização. Conduz sempre as credenciais da organização. De outra sorte, ele não estará auctorizado a organizar.

O delegado universal

Um dos resultados da idea do delegado da obra, é o delegado universal. Este não se limita a qualquer obra ou a qualquer indústria. Ele auxilia todos os delegados de obras. Está autorizado a iniciar membros de todas as uniões industriais, de acôrdo com as condições existentes na localidade onde é empregado, ou exerce a sua actividade.

O sistema de delegados de obras é uma tentativa dos I. W. W. para um verdadeiro movimento da classe trabalhadora. Tentativa para criar a organização de baixo para cima, afastando-se da dependência dos organizadores e dirigentes pagos que adquirem proeminência e usam do seu prestígio em detrimento dos trabalhadores. Esta tendência anti-burocrática favorece os verdadeiros salarizados como dirigentes das uniões operárias; limita a duração das funções, e, por outro lado, esforça-se por conservar a organização livre do oficialismo e da podridão.

O sistema de delegados de obras tem provado ser o esteio principal da organização. Por meio dele os I. W. W. se conservaram unidos durante a terrível opressão causada pelo histerismo guerreiro, quando nem mesmo as reuniões eram possíveis. O grito de guerra dos I. W. W. é, agora, «Ser um propagador do I. W. W. Ser um delegado de obra!»

A interferência dos I. W. W. nas obras e os comités de oficinas

A base da organização dos I. W. W., como já foi explicado, é a oficina, a fábrica, ou o esta-

belecimento, que, na linguagem dos I. W. W., querem dizer a mesma coisa. A organização da oficina é democrática. Os seus princípios são gerir de baixo para cima, para todos e por todos os que trabalham na oficina. As reuniões da oficina realisam-se para discutir todos os assuntos que affectam a oficina, a união industrial e os I. W. W. e em que são formulados e resolvidos pela iniciativa, referendun e convocação. Todos os membros tem direito e podem apresentar agravos, soluções, e ideas favoráveis ao levantamento da classe trabalhadora e da sociedade. Está reconhecido que a organização das oficinas pelos I. W. W. é a célula da nova sociedade, baseada na posse, gerência ou administração pelos trabalhadores.

Além disto, para realisar tudo o que se disse, a organização da oficina elege um comité da oficina que trabalhará segundo as suas indicações e instrucções.

O comité da oficina apresenta todas as reclamações de salários e outras aos patrões, mas não tem o poder de resolver nenhum acôrdo sem a aprovação da organização da oficina, agindo só ou com as organizações de outras oficinas por meio das uniões industriais e dos I. W. W.

Preparando-se para tomar conta das indústrias

A organização das oficinas pelos I. W. W. desenvolve os conhecimentos técnicos da classe trabalhadora e prepara esta para tomar conta da direcção técnica a favor da sociedade quando o capitalismo tiver caído, como es fatos já no lo vão indicando. Pelas tendências gerais da indús-

tria tornou-se possível que, por causa do custo da vida, da intensificação crescente do trabalho e da eliminação dos trabalhadores hábeis, as reclamações dos trabalhadores sejam mais gerais do que específicas, como no caso das reclamações para aumento de salário e redução das horas de trabalho, reclamações que agora são feitas sem olhar às diferenças de ocupação ou de ofício.

Os comités de oficinas dos I. W. W. foram primeiramente introduzidos em Brooklyn, N. Y. na greve dos manufactores de calçado, em 1911. O comité das oficinas de Frank & Harris, escolhido de todos os ramos da indústria, que apresentaram então uma escala de preços e regulamentos aceitáveis por todos a quem diziam respeito. Os comités de oficinas dos I. W. W. anteciparam-se assim em cêrca de sete anos ao movimento dos encarregados de armazens na Inglaterra. Diferem dos ingleses porque representam os officios organizados industrialmente, em vez das separadas uniões de officio na officina.

Sob o sistema de organização de oficinas, dos I. W. W. é impossível a «traição organizada» das uniões de officio da A. F. of L. Todas as classes de uma indústria actuando como uma unidade, baseada no antagonismo de interesses do capital e do trabalho, fazem greves juntas e juntas regulam as questões. Qualquer officina, ou secção incluindo mais do que uma officina, que viole os princípios industriais e de união de classe dos I. W. W., será expulsa assim como o serão todos os membros dos I. W. W. que assim procederem. Uma organização dos I. W. W., em Great Falls Montana, foi expulsa em massa por assinar um contracto com os patrões.

Uma amostra da traição organizada

Repetimos que pelo plano dos I. W. W de organizar todas as oficinas, fábricas, estabelecimentos ou obras, uma união industrial, nenhuma oficina ou fábrica faria greve sózinha. Isto tem sido demonstrado em todas as greves dos I. W. W. Da mesma forma nenhuma oficina ou fabrica seria utilizada contra outra em greve, como acontece na A. F. of L. Tomemos, por exemplo, a greve dos automóveis na casa Willys-Overland, em Toledo, Ohio, em Maio de 1919. Nesta greve os mecânicos das oficinas independentes, atraíram os seus co-membros das oficinas Willys-Overland. Estes factos foram publicados no *The Boomer*, órgão da união industrial dos trabalhadores mecânicos e metalúrgicos, de Setembro de 1919. São como seguem :

«A Willys-Overland C.^o, declarou o «lock-out» aos seus empregados na manhã de 5 de Maio, por eles se terem recusado a trabalhar mais do que quarenta e quatro horas por semana. Durante as semanas seguintes foram enchendo as oficinas com trabalhadores não associados e inexperientes. Rapazes trazidos das escolas e dos campos foram postos a trabalhar na oficina de máquinas e, de certo, os patrões acharam que era obra que saia cara. De maneira que a Overland C.^o descobriu um plano melhor. Não existindo união dos ferramenteiros nem dos moldadores, começaram a mandar fazer fora os mais delicados trabalhos ás oficinas de máquinas independentes, onde eram executados e devolvidos aos traidores da Overland.

«E os factos mais salientes foram : Que essas oficinas independentes eram oficinas de uniões

organizadas, empregando membros da I. A. of M. — irmãos associados da mesma união que estava em greve contra a Overland. E estes irmãos da I. A. of M. fizeram o trabalho que os seus membros tinham recusado fazer para a Overland.

«Mas, mesmo na I. A. of M., há um limite para os sofrimentos dos trabalhadores. Parecendo-lhes que estavam sendo derrotados pelos seus irmãos de classe, os grevistas convocaram uma reunião especial da I. A. of M. para ser declarada a greve geral em todas as oficinas de máquinas de Toledo. Esta greve teria salvo a situação e derrotado a Willys-Overland. Com efeito, a greve foi votada por uma maioria de 200 numa reunião especial, mas pelos regulamentos reacionários da A. F. of L. era necessária uma maioria de dois terços. A proposta de greve geral foi declarada rejeitada e os trabalhadores da I. A. of M. continuaram a atraiçoaem-se uns aos outros».

Os mecânicos de Toledo esforçam-se agora por criarem a sua união, a I. A. of M. (Associação Internacional dos Mecânicos) vai ser transformada numa união industrial dos metalúrgicos. Mas a A. F. of L. com o fim de proteger uniões de classe internacionais interessadas, não permitirão um tal procedimento. Ela já expulsou a União dos Trabalhadores de Automóveis, por esta ter recusado dissolver-se e transferir os seus membros para as organizações de classes interessadas.

Os I. W. W. e a greve geral

A A. F. of L. está organizada, não só para evitar o unionismo industrial dentro duma indús-

tria, mas também a unidade industrial de todas as indústrias. A A. F. of L. é uma federação de uniões de ofícios e de trabalhadores, não uma organização baseada na indústria e abrangendo todas as indústrias numa grande união, como os Trabalhadores Industriais do Mundo.

O seu fim é negociar com os capitalistas como classes e não organizar os trabalhadores como tal para tomarem conta da indústria para si e para a sociedade.

Os I. W. W. chamam a atenção para os casos da Willy Overland e para a ameaça de desmembramento da União dos Trabalhadores de Automóveis, pela «traição organizada». Dividindo os trabalhadores, eles auxiliam o triunfo das corporações. O seguinte incidente ajudará a esclarecer o ponto de vista dos I. W. W.

Durante a greve têxtil de Lawrence, em 1917, José I. Ettor, organizador geral dos I. W. W. realizou uma conferência na União dos Escolhidos de Lãs. Depois da conferência perguntaram-lhe «o que era um amarelo», ao que ele respondeu: «Amarelo, é um trabalhador que por qualquer acto auxilia ou apoia os patrões em ocasiões de conflitos.» Depois do que outro trabalhador precisou perguntar: «Os princípios aplicados a essa definição de um amarelo, não se aplicam também a uma indústria?» «Aplicam», respondeu Ettor, «os Trabalhadores Industriais do Mundo querem dizer organização de todos os trabalhadores numa grande união segundo as indústrias. Quando se declara a greve numa indústria, se ela necessitar do auxilio da indústria imediatamente relacionada com ela, apelará para essa outra indústria para que faça causa comum com ela. Se necessitar ainda do auxilio de ou-



tras indústrias, os I. W. W. procederão segundo o mesmo princípio. Tais são os I. W. W. Eles reconhecem que uma indústria é tão geral como as greves o sejam.

A A. F. of L. evita o verdadeiro unionismo

A moral da história acima pode ser aplicada por qualquer trabalhador. As uniões da A. F. of L. estão-se esforçando por a aplicar de muitas formas, evitando assim as formas e os princípios do verdadeiro unionismo industrial. Tomem para exemplo a greve do aço, em 1919, quando fizeram acreditar aos grevistas que os ferroviários e os mineiros do carvão agiriam por simpatia para com eles. E isto era impossível, por causa dos contractos feitos com os patrões. Estes contractos compeliram os ferroviários e os mineiros a procederem como organizações separadas, e sob o princípio dos interesses mútuos do capital e do trabalho. Nenhuma verdadeira união industrial está assim organizada para agir independentemente das outras indústrias, nem ela assina contractos com os patrões.

Organizações meio educaads

A falta de reconhecimento completo dos novos progressos da indústria tem feito com que as velhas uniões de officio se comprometam com eles. O resultado é haver organizações meio educadas que nem são uniões de officio nem uniões industriais, com a maior parte dos vícios das primeiras e com poucas virtudes das últimas. Alianças, repartições, federações — são só tentativas para

evitar a verdadeira união, uma grande união preconizada pelos I. W. W. Eles misturam e confundem o unionismo em vez de o simplificar e fortalecer.

Tomem para exemplo as alianças das classes de impressão. Em que é que isso favoreceu o unionismo industrial gráfico? A maior parte do tempo da organização é gasto em tentar decidir se o label da união deve ser propriedade exclusiva da união tipográfica ou se os impressores devem ter também o direito de o retirar ás oficinas em greve. Quando isto não está estabelecido, o trabalho «importante» consiste ou em recusar a admissão da associação dos litógrafos unidos ou em pensar nos meios e nos processos de dividir essa organização a favor dos fotogravadores e dos impressores. Algumas das «tendências da união industrial».

; E então essas repartições! Digam-nos os trabalhadores, os honestos: jáinda não ouviram dizer alguma vez que uma «repartição» da A. F. of L. tivesse feito outra coisa do que ter proporcionado a um James Lord, ou James O' Connell, ou a alguns outros maus dirigentes, uma boa posição, gôrda e bem paga, com que sufocassem os progressos radicais? Pelo que nós podemos observar, uma repartição é um obstáculo ao verdadeiro progresso; além de muito expensiva, se tivermos em conta os salários pagos aos oficiais dessa repartição. Tanto quanto podemos observar, a feição dessas repartições não evita a greve isolada de uma classe nem a sua venda, como quando na repartição da construção civil, os pedreiros (assentadores de tijolos), os estucadores, os electricistas, etc., se declaram sós em greve, sacrificando os trabalhadores-serventes, quando

as condições lho permitiam e em seus exclusivos interesses.

Quanto ao sistema de federações dos empregados nas oficinas, ¿ quem pode esquecer o papel que desempenharam os dirigentes da Internacional dos Maquinistas, na greve ferroviária de Harriman, pondo em conflito os interesses da classe contra classe para beneficio das suas associações? Mais «tendências da união industrial», não há dúvida.

Tomemos outra vez a greve dos descarregadores da cidade de Nova York. Ali vemos uma frente unida da união da classe dos catraeiros desmanchada pela venda feita por duas das uniões da chamada Filiação dos Trabalhadores Marítimos. Neste, como em todos os outros casos prevaleceram os maus princípios e formas de organização.

Mas o novo dia já desponta. Por toda a parte os trabalhadores se manifestam contra a traição dos dirigentes e contra a má organização. E, a juntar-se-lhe, os I. W. W. aumentam como nunca.

Prova da solidez dos I. W. W.

A prova da solidez das formas e dos princípios de organização dos I. W. W., encontra-se nos implacáveis ataques que geralmente lhes fazem as instituições e corporações capitalistas. A classe capitalista sente instintivamente os perigos que envolvem os seus interesses através da organização dos trabalhadores, que tentam melhorar a sua situação e preparam a sua emancipação.

Outra prova se encontra no successo das greves dos I. W. W., como a de Lawrence, Mass.,

em 1912, e nos últimos dias da greve dos trabalhadores das florestas e dos mineiros do noroeste. Em Lawrence, os I. W. W. uniram todas as secções da industria textil, todas as uniões organizadas e os trabalhadores não organizados, num grande comité de greve que triunfou. Nas greves dos mineiros e dos trabalhadores das florestas, os I. W. W. adotaram a mesma política em face da ainda maior divisão, e triunfaram. Onde os I. W. W. perderam, foi geralmente por causa da incompleta organização, combinada com a opressora opposição de todas as espécies. A ilegalidade, é a principal arma ofensiva da opposição.

Uma prova final da solidez dos principios e formas de organização dos I. W. W. encontra-se no desenvolvimento que tem tomado as ideas de organização duma grande união, no Canadá, na Austrália, na Inglaterra, na Rússia, na Alemanha e neste país. Graças á evolução industrial e á propaganda combinada com o exemplo, os I. W. W. são para a classe trabalhadora de todo o mundo a solução inevitável dos problemas do capitalismo. Este facto está despertando os trabalhadores de toda a parte, como as revoltas na A. F. of L. e a suspensão das suas locais dos mineiros o mostram claramente.

A fôrça actual dos I. W. W.

Os I. W. W. contam actualmente (1 de janeiro de 1921) vinte e nove Uniões Industriais organizadas em secções como segue:

Secção de Agricultura

União Industrial dos Trabalhadores Agrícolas	110
União Industrial dos Trabalhadores Florestais	120
União Industrial dos Pescadores.	130
União Industrial dos Floricultores	140

Secção de Minas

União Industrial dos Trabalhadores das Minas de Me- tais.	210
União Industrial dos trabalhadores das Minas do Car- vão e do Coque.	220
União Industrial dos Trabalhadores do Gas e Oleos . .	230

Secção de Construção

União Industrial dos Trabalhadores de Construção em Geral	310
União Industrial dos Construtores de Navios.	320
União Industrial dos Trabalhadores de Construção de Prédios.	330

Secção de Manufactura e de Produção em Geral

União Industrial dos Trabalhadores Fabricantes de Te- cidos e Roupas	410
União Industrial dos trabalhadores em Madeiras	420
União Industrial dos Trabalhadores em Produtos Qui- micos	430
União Industrial dos Trabalhadores Mecânicos e em Metais	440
União Industrial dos Trabalhadores das Casas de Pu- blicações e de Impressão.	450
União Industrial dos Trabalhadores em Produtos Ali- mentares	460
União Industrial dos Trabalhadores em Cabedais.	470
União Industrial dos Trabalhadores em Vidros e Loijas	480

Secção de Transportes

União Industrial dos Trabalhadores dos Transportes Marítimos	510
União Industrial dos Trabalhadores Ferroviários	520
União Industrial dos Trabalhadores dos Telefones, Telégrafos e Telegrafia Sem Fios	530
União Industrial dos Trabalhadores de Transportes Municipais	540
União Industrial dos Trabalhadores de Navegação Aérea.. . . .	550

Secção de Serviços Públicos

União Industrial dos Trabalhadores Sanitários e de Salubridade	610
União Industrial dos Trabalhadores da Conservação das Estradas e Parques	620
União Industrial dos Trabalhadores da Educação	630
União Industrial dos Trabalhadores da Distribuição em Geral	640
União Industrial dos Trabalhadores em Utilidades Públicas	650
União Industrial dos Trabalhadores de Casa de Espectáculos	660

O número total de aderentes é calculado em 100 000. Houve um grande aumento durante a mais severa perseguição a quando da guerra, e também logo a seguir o que testemunha bem eloquentemente o facto de que os I. W. W. tem uma vitalidade que o capitalismo não pode esmagar.

Os I. W. W. abrangem todo o mundo

Os I. W. W. como a corporação mundial e a indústria mundial abrangem todo o mundo. Fizera-se representar no Congresso Internacional de Amesterdão e também na reunião do Se-

cretariado Internacional do Trabalho, em Budapeste, 1910. O movimento europeu, por sua vez, mostrou-se activo na agitação triunfante para a libertação de Ettore e Giovannitti, em 1912. Subsequentemente, alguns dos homens mais em evidência, dos I. W. W. visitaram a Europa, falando na Inglaterra e na Irlanda, auxiliando ali o movimento da união industrial. Os I. W. W. tem filiações organizadas na Inglaterra e na Austrália. Mantem também correspondência e relações com o movimento operário da França, Itália, Espanha, Rússia, Escandinávia, México, Argentina e outros países da América do Sul; todos trabalhando em cooperação amigável com eles, interessando-se pelos seus progressos, e olhando-os como guia da organização industrial dos trabalhadores do país mais industrialmente avançado do mundo. Como Wm. D. Waywood bem disse a Roberto Minor: «O sol nunca se põe para os I. W. W.»

Uma organização tão bem fundada, tão inteiramente de acôrdo com as tendências mundiais e com o movimento operário do mundo só tem a esperar um grande futuro, a despeito do seu pequeno mas influente número de adherentes no passado. Os I. W. W. podem bem contar com recursos para olhar para a frente em vez de olharem para trás. Os seus projectos são brilhantes e melhores do que nunca em toda a sua movimentada história de cerca de quinze anos de existência.

V

As questões de momento e os I. W. W.

Os I. W. W. são chamados por muitos estudantes a definir a sua atitude sobre várias questões, relações e problemas. E eles definem tudo isso por si. Se os I. W. W. não são por si uma resposta aos problemas sociais, se eles não podem definir as suas próprias atitudes, então fariam melhor guardar tudo nos arquivos, fechar as portas das várias sédes e deixar o campo livre á organização que satisfaça essas necessidades.

Falando geralmente, os I. W. W. crêem que a maioria dos problemas sociais são causados pela exploração capitalista do trabalho. A esta exploração podem ser atribuidas as necessidades dos mercados estrangeiros, a colocação de dinheiros fóra do país e as guerras mundiais. A esta exploração é também atribuido o materialismo grosseiro, a irreligião selvagem, a falta de aspirações ideais, o obstáculo de ambições de natureza social, a sufocação do intellecto a não ser para fins pessoais e de classe, as guerras de raça, as guerras de classe, em suma, todos os horrores torpes e espantosos da vida moderna.

Por estes factos, os I. W. W. crêem que a solução dos problemas modernos e o estabelecimento de melhores ideais e relações sociais, requerem a abolição da exploração capitalista. De outra sorte, os males não só continuarão como se tornarão cada vez piores. Contudo, muitissimas

vezes, não são aceites estas declarações; desejando-se um conhecimento claro, como segue:

Os I. W. W., ¿ precisam da divisão?

Ainda que sejam bem velhas e veneráveis, bastantes jóvenes elegantes fazem esta pergunta. A resposta é — Não; os I. W. W. querem acabar com a divisão. O trabalhador de hoje, com o fim de assegurar o emprêgo para viver, tem que dividir o seu produto com o patrão capitalista. Como o capitalista emprega muitos trabalhadores, é grande a sua parte na divisão. Isto o faz rico e poderoso. Assegurando tudo quanto produzem, os I. W. W. acabarão com a divisão com os capitalistas, fazendo os trabalhadores ricos e poderosos, em vez de fracos e vegetando na miséria, como actualmente.

Não dando aos trabalhadores tudo quanto produzem, ¿ acabar-se há com o capital?

Esta pergunta é uma sobrevivência duma teoria explorada e velha. Segundo esta teoria, o capital deve a existência ás economias do capitalista-indivíduo. Por esta razão, se o capitalista indivíduo não pode tirar ao trabalho e economisar, ¿ de onde provirá o capital? O capital nunca foi o resultado da economia individual, mas das economias sociais ou de grupos de indivíduos. Por exemplo, as corporações, compostas de banqueiros, contribuem hoje em dia para a depreciação, para novas construcções, novos capitais, etc., com o produto que eles tiram dos trabalhadores. Isto é, eles reservam para esses

fins uma certa parte dos lucros. Quando os I. W. W. tomarem conta das indústrias, farão essencialmente a mesma coisa. Reservarão uma parte dos productos do trabalho para o progresso industrial e bem estar social, com o consentimento dos trabalhadores.

As habilitações capitalistas, ¿ não serão necessárias para dirigir a indústria ?

Sim ; são necessárias para dirigir a indústria nas guerras nacionais e nas guerras de classe, geralmente no inferno-mundial em que a sociedade agora se encontra. De outra sorte nós podemos passar sem elas. Estritamente falando, não há tal habilitações nem direcção capitalistas. Há habilitações e direcção mas por parte dos inúmeros salarizados e da sciência de administrar — cooperação e habilitação social — alugadas e exploradas pela classe capitalista para seu próprio e condenável processo de conseguir lucros, o sistema de destruir a civilisação. Os I. W. W. condenam esta applicação errónea das verdadeiras habilitações. Eles utiliza-las hão para fins sociais em vez de em proveito do capitalismo privado.

Os I. W. W., ¿ organizam os trabalhadores do cérebro ?

As questões levantadas quanto ás relações dos trabalhadores do cérebro para com o movimento operário, são de origem inglesa. Na Inglaterra, existem socialistas intellectuais que elevam os trabalhadores do cérebro a uma condição especial, quando neste país eles são considerados apena-

com uma das muitas engrenagens do mecanismo capitalista e organizados como uma parte integrante do mesmo mecanismo.

A razão porque os trabalhadores do cérebro são explorados como empregados ou salarizados, como todos os outros trabalhadores, está na posse financeira ou «trust» da indústria. Lucian Sanial, o bem conhecido economista, falando dessa posse, disse uma vez (*Almanaque Socialista*, pág. 126):

Podemos de novo observar que isto é essencialmente um movimento financeiro. A sua verdadeira natureza requer que ele seja guiado e preparado pelos financeiros, que não fazem distinção entre as indústrias, vendo todas as comodidades á luz dos seus valores dos câmbios, expressos em dinheiro, deixando os técnicos entregues a todas as considerações técnicas de ordem manufatureira e comercial, quanto aos respectivos valores úteis.

Transportando isto a uma linguagem simples, isto quer dizer que os financeiros alugam os outros como empregados e salarizados para que lhes produzam lucros. Estes alugados teem habilitações de organização e de execução, inteligência inventiva, sôbre química, commercial e mecânica, poder persuasivo de venda, experiência commercial e legal, para não falar na força muscular e fisica em todos os gráus de desenvolvimento e variedade de qualidade e de persistência. Dos relatórios e sugestões dos seus mais inteligentes, como do comité executivo, chefes de secções, directores da produção, engenheiros, organizadores, experimentadores, inventores, analistas, químicos, guarda-livros, conselheiros, inspectores, mestres-mecânicos, trabalhadores, ajudantes, etc., dependem a evolução e funcionamento das modernas

empresas industriais capitalistas. Estas empresas funcionam segundo os subordinados alugados de todas as espécies, que não tem direitos de propriedade, nem voto decisivo nelas, e que são todos sujeitos ao absolutismo financeiro de cima, que as governam.

Os I. W. W. organizam estes homens justamente porque trabalham para os financeiros sem distinção da sua classificação técnica. Contam nas suas fileiras com muitos dos chamados trabalhadores do cérebro; isto é, proletários intelectuais, tais como jornalistas, artistas, engenheiros civis, directores, etc., etc. Quanto aos I. W. W. não há tal problema dos trabalhadores do cérebro. Os I. W. W. reconhecem o seu valor, como dão valor aos trabalhadores mais humildes. Os I. W. W. organizam-os a todos. Um por todos, todos por um, é o seu grito de união.

Existindo a A. F. of L., ¿ são necessários os I. W. W. como organização operária ?

Em primeiro lugar esta questão está mal posta, por supor a A. F. of L. uma organização operária. O facto de que a A. F. of L. seja uma organização composta de operários não quer dizer que ela seja uma organização operária. O exército alemão ás ordens do Kaiser era um exército de alemães, não para os alemães mas para o Kaiser. Assim também a A. F. of L. é um exército de trabalhadores, não para o trabalho mas para o capital. Em última análise, a A. F. of L. está confiada á perpetuação do capitalismo, estando assim organizada para fazer possível essa perpetuação.

Por outro lado, os I. W. W. são opostos ao capitalismo esforçando-se por inaugurar uma democracia industrial que suplante o domínio da oligarquia capitalista e financeira. Compostos de trabalhadores, para os trabalhadores e por trabalhadores, como tais se mantem firmemente na luta de classes, não fazendo contractos nem alianças com os patrões; e procedendo assim, os, I. W. W. são hoje a única organização operária neste país.

Em segundo lugar são necessários os I. W. W. por causa da incompleta organização dos trabalhadores feita pela A. F. of L. Devido ao pagamento de elevados emolumentos de iniciação, monopólios de negócios, prejuízos de raça, diferença de côr, etc., a A. F. of L. não pode e não organizará todos os trabalhadores. E o resultado está no grande número dos desorganizados.

Lauck & Sydenstricker, no seu livro «Condições do Trabalho nas Indústrias Americanas», dão o grande total de aderentes ao uniunismo de classe, em 1913-1914, como sendo de 2.700.000. Este número inclue a A. F. of L., as fraternais dos ferroviários, as organizações independentes e as mixtas, e os I. W. W. Em 1919 a própria A. F. of L. dizia contar com 3 milhões de aderentes, caminhando para os 4 milhões.

Consideremos o que estes números representam. Só na agricultura, por exemplo, ha 6 milhões de trabalhadores. Isto é, duas vezes mais trabalhadores só numa indústria do que todos os aderentes á A. F. of L. Ainda, o censo de 1914, dá 8.263. 153 pessoas, como número empregado nas indústrias manufactureiras. Desde então juntou-se-lhe um grande exército de mulheres e de crianças. De forma que agora se pode dizer que

esse número é de cerca de 10 milhões. Isto é, mais de três vezes o total dos aderentes á A. F. of L., em 1919. Na indústria ferroviária são empregadas 1.710.296 pessoas, e só 561.700 estão organizadas. Isto é típico em todas as indústrias.

Por todos estes números que nós apresentamos sobre a agricultura, manufacturas e ferroviários — 18 milhões ao todo — é evidente que a A. F. of L. tem organizado um número de trabalhadores igual apenas a uma sexta parte dos trabalhadores empregados nessas indústrias. Se nós tomamos todos os trabalhadores, que vários calculam de trinta a quarenta milhões, nós descobrimos que só um por cada dez está organizado na A. F. of L.

Se ás organizações operárias do Canadá, que se afastam, e com revoltas internas de todos os lados, de que resultam as organizações «fora da lei», como a associação dos impressores, juntarmos a crescente tendência para a formação das uniões operárias independentes, será evidente que a A. F. of L. como «organização operária» não é o que parece ser.

E' necessária outra organização operária para organizar mais completamente os trabalhadores segundo as aspirações modernas. Os I. W. W. são a única organização que satisfaz essas exigências.

¿ Onde são mais fortes os I. W. W. ?

No Noroeste do Pacífico. Ali, milhares de cortadores de madeiras emigram de floresta para floresta á procura constante de trabalho. ¿ Contra o que se manifestam eles ? Contra os maio-

res dos monopólios — combinações das companhias ferroviárias, senhores das terras e das florestas. Vejamos o relatório do Bureau de Corporações da «Indústria de Madeiras», sôbre algumas objecções dos I. W. W. no Noroeste do Pacifico: «A Pacifico do Sul possui 4.318 mil acres na Califórnia do Norte e no Oregon do Oeste, e, com a União do Pacifico que as administram, possuem milhões de acres noutras partes. A Pacifico do Norte possui 3.017 mil acres de florestas. A companhia de Madeiras Weyerhauser, possui 1.945 mil... Finalmente, á centralisação das florestas e das terras está junta, á nossa mais importante secções de madeiras, uma intimamente ligada dominação ferroviária. As possibilidades formidáveis desta combinação no Noroeste do Pacifico e noutras partes são da mais importante gravidade para o público.

Nos últimos quarenta anos a centralisação fez tais progressos que 195 proprietários, muitos deles interrelacionados, possuem agora metade da propriedade privada das madeiras na área por explorar (que contém 80 por cento da área total.

E' esta vasta centralisação que os I. W. W. tem combatido com bastante sucesso! Onde primitivamente os trabalhadores eram compelidos a transportar os seus próprios cobertores, a dormir em cabanas imundas, sem os convenientes lavatórios e retretes, mal alimentados e com péssima cozinha, onde era necessário passar longas horas de um lado para o outro para conseguir um dia de trabalho por um salário irrisório, agora tem cobertores, boas camas, cabanas asseadas e limpas, banhos de chuva, boa alimentação, melhor cozinha, junto ao dia de oito horas de trabalho, pago por \$5 dollars.

Isto só foi conseguido depois duma luta persistente contra adversários terríveis, que nos custou a perda de vidas, prisões consecutivas, detenções e, aparentemente, a total destruição dos I. W. W. Hoje os I. W. W., no noroeste, tendo Seattle como centro, são a maior praça forte dos I. W. W. E' nesta secção que progride a organização por obras, a gèrencia das obras, os delegados de obras. E' nesta secção que é editada a melhor publicação semanal dos I. W. W., *The Industrial Worker*. E' esta secção que demonstra as maiores tendências de união industrial.

Outra forte organização dos I. W. W., perto desta secção, é a n.º 800, União Industrial dos Trabalhadores das Minas de Metais. Esta organização teve de combater os interesses das Phelps-Dodge-Ryan Guggenheim-Standard-Oil-Amalgamated. Foi esta combinação que deportou os grevistas de Bisbee, entre os quais figuravam os mais activos e predominantes dos I. W. W. Foi esta combinação que linchou Frank Little, em Butte.

A despeito de todos os inimigos, os I. W. W. progridem, impurrando a A. F. of L., a União Internacional dos Mineiros e dos Operários Fundidores (primeiramente Federação Ocidental dos Mineiros), para fora de existência, ao mesmo tempo que ganhava terreno e conseguia melhorar as condições em muitas localidades,

Os mineiros dos I. W. W., na cidade de Park, Wtah, foi a primeira organização operária americana a fazer greve pelo dia de seis horas de trabalho.

E já é dizer bastante.

Os fazendeiros e os I. W. W.

A questão das relações entre os fazendeiros e os I. W. W. é outra questão que os I. W. W. são chamados a definir e a determinar. Mas verdadeiramente, em vez deles, quem a está a determinar é a evolução industrial.

A evolução industrial tirou á herdade muitas das suas primitivas funções. O enlatamento, empacotamento, conservação, refrigeração, armazenamento, moagem, manufactura e transporte dos productos das herdades, eram antes feitos pelos fazendeiros. Hoje todos estes trabalhos estão a cargo dos «trusts». Por isso eles, monopolisam a produção das herdades e determinam as suas actividades, de acôrdo com o dinheiro do «trust».

Frederico Howe mostrou que esta condição tinha feito com que em 1915, as herdades produzissem tão pouco que causaram uma diminuição na produção *per capita* das carnes, leite cereais e batatas. Além disso causou tambem a entrada das corporações nas herdades, com o fim de assegurarem os fornecimentos. No estado de Nova York, por exemplo, o «Trust» do Leite Suburbano, transformou-se em queijarias, com o fim de obter productos suficientes para os seus próprios negócios.

Tornou-se isto necessário por causa da diminuição do número de vacas leiteiras no estado, devido aos baixos preços por que as pagavam ao fazendeiro.

A mesma coisa se notou no enlatamento e conservas. Corporações, como a Lipton C.^o, e outras, estão assegurando os seus próprios fornecimentos pela instalação de caminhos de ferro nas herdades. E as grandes corporações fazen-

deiras, as pura e simplesmente fazendeiras, atingiram números nunca atingidos. A Taft C.^o, com a sua herdade de 150 milhas, a Miller & Lux C.^o, cujas terras correm contíguas a seis estados, atingindo milhões de acres, e outras corporações gigantes estão reduzindo as herdades a uma base industrial. Estão criando um proletariado agrícola, e a herdade administrada segundo os princípios industriais para produzir interesses. Estão assim preparando a agricultura comunal do futuro.

Todas estas tendências contribuem para uma revolução nas herdades, dando origem aos trabalhadores agrícolas e aos arrendamentos numa medida espantosa. Das 12.690 mil pessoas que, pelo censo de 1914, diziam ocupar-se nos trabalhos agrícolas apenas, metade, segundo Scott Nearing, eram trabalhadores. Segundo os cálculos de Walsh Industrial Relations Commission, mais de dois a três milhões são arrendatários. Frederico Howe diz que 37 por cento das todas as herdades, em 1910, eram cultivadas por outros, que não os seus proprietários, ajuntando que: «em algumas partes do país, de 60 a 70 por cento das herdades são cultivadas por arrendatários para os proprietários que ali não residem». Pelo que se deduz de tudo isto que cerca de dois terços dos rendeiros do país não são os donos das herdades.

As tendências revolucionárias dos agricultores, são provavelmente para aumentar e não para diminuir. Outra autoridade sobre o assunto, Frank Tracy Carlton, julga que o desenvolvimento para herdades maiores, a eficiente utilização da correspondente maquinaria, os actuais altos preços dos productos agrícolas, o crescente valor das

terras e a decrescente oportunidade para a colocação extensiva de capitais nas empresas ferroviárias e manufactureiras, tenderão a causar no futuro uma precipitação de capitais na agricultura. E ele acrescenta:

A aplicação de capital em larga escala, o apêlo á agricultura scientifica, a introdução da direcção scientifica e a escrituração do custo, pode esperar-se que produza alterações maravilhosas. Muitos preságios dessas alterações podem já ser previstos.

Depois que o professor Carlton escreveu essas palavras, a Armour & C.^o começou a cultivar na Califórnia. A imaginação scientifica provou mais uma vez ser profética !

Os I. W. W. reagem agora por duas formas, em resposta a essas tendências. Uma teórica, a outra prática. Teóricamente, há alguns I. W. W. que acreditam que devem ser salvos os pequenos fazendeiros e que para isso os I. W. W. se deviam combinar com eles contra o capitalismo. Outros acreditam que desde que a agricultura se está industrializando, e que isso é largamente determinado por factores dos I. W. W., os I. W. W. deviam considerar como uma proposição industrial, para ser industrialmente organizada e funcionando industrialmente.

São os trabalhadores agrícolas, os colhedores do lúpulo e da fruta, guardadores de gado. os ceifeiros, que os I. W. W. acham de mais fácil se organizarem. São geralmente empregados pelos grandes fazendeiros, como os Dauss Bros., ou pelas grandes corporações, como a Miller-Laux C.^o, que teem provado pela sua desapiadada exploração dos trabalhadores que «a classe patronal e a classe trabalhadora nada teem de

comum entre si». E' entre estes trabalhadores, selvagemmente oprimidos, que os I. W. W. contam actualmente com uma das maiores uniões industriais, principalmente a n.º 110, a União Industrial dos Trabalhadores Agrícolas. Sucede o que devia succeder. Uma tal base industrial não podia deixar de ser a base dos I. W. W., assim como da sociedade. A organização da agricultura pelos trabalhadores agrícolas será a suprema necessidade da nova sociedade.

A união industrial dos trabalhadores agrícolas, dos I. W. W. está atenta quanto á sua importante missão. Tem não só assegurado o aumento dos salários, reduzido as horas de trabalho e melhorado as acomodações e condições para os trabalhadores agrícolas, mas também chamado a atenção para os muitos problemas relacionados com a agricultura e com os I. W. W. Publicaram já um livro sôbre o assunto, e os adherentes á União Industrial n.º 110 (Trabalhadores Agrícolas) escreveram um manual agrícola para seu uso. Procuram interessar a «guarda do país», tendo em consideração a questão dos arrendatários das herdades, a unificação de todas as raças, côres, crêdos e sexos, — estão, de facto, organizados num verdadeiro espirito de educação científica para o bem definitivo dos trabalhadores agrícolas como de toda a sociedade.

Os trabalhadores agrícolas dos I. W. W. estão auxiliando todas as tendências para a sociedade agrícola do futuro !

¿ Qual é o remédio que os I. W. W. apresentam para o custo de vida ?

Quando tudo está feito e dito, só há um remé-

dio. E este é, abolir o grande custo do capitalismo abolindo o próprio capitalismo.

Não é o «custo grande da vida» que faz grande o custo da vida, mas os imensos interesses, as rendas e os lucros para os capitalistas — o muito que o capitalismo custa aos trabalhadores — a causa da fraude

A classe trabalhadora fatiga-se para manter capitalistas na ociosidade, produz amontoando bilhões de riqueza; estes rendem depois mais bilhões que são gastos na expansão já enorme do seu capital tendo em conta a sua depreciação. Depois disto, admirais-vos que os trabalhadores pouco tenham nas algibeiras com que possam fazer face ao incessante aumento do custo da vida, enquanto os seus exploradores gastam, como nunca, em extravagâncias, conseguindo estar também cada vez mais ricos?

E' por isso que dizemos, abolir o grande custo da vida, abolindo o muito que o capitalismo custa aos trabalhadores, pela abolição do próprio capitalismo.

Não pensem que o custo da vida pode ser reduzido pela alteração de tarifas, pela mudança de chefes, pela posse da administração pelos outros partidos, ou mesmo em conferir novas honras a San Gompers.

O custo da vida tem aumentado incessantemente por todo o mundo durante os últimos trinta anos. Não lhe fez diferença que os tremores de terra sacudissem ou não a Itália; ou se Deus e o Kaiser estão de acôrdo ou desavindos. Não fez diferença se as colheitas eram fracas ou se excepcionalmente abundantes — o custo da vida subiu sempre e cada vez mais. Não importou o que aconteceria, onde e como, o custo da vida subiu sempre!

Dizem geralmente que a causa é a constante desvalorização do ouro, que é a medida padrão de todos os valores em regime capitalista. Onde, digamos assim, um dollar ouro comprava antes um par de sapatos, o ouro é agora tão fácil e abundantemente produzido pelos trabalhadores para isso socialmente necessários, êle é agora tão barato que é necessário gastar dois dollars ouro para comprar o mesmo par de sapates. Consequentemente, se precisarem mais sapatos devem conseguir mais dollars, mais salários, onde quer que tenham de os comprar. E, para poder conseguir mais salário, devem, como trabalhadores, organizar-se mais e melhor, como os I. W. W., não descançando até que os salários representem, não as vossas necessidades mas os vossos salários — tudo quanto vós produzis. Então vós tereis abolido o capitalismo com o grande custo de todas as coisas.

¿ Como funcionará a administração dos I. W. W.

Mediante os representantes democraticamente escolhidos dos grupos industriais em vez dos grupos territoriais; todos sujeitos a instruções e á revogação do mandato. Corporações como a do Caminho de Ferro da Pensylvania, por exemplo, são administradas por esta forma. Administram negócios que requerem milhares de empregados em muitas cidades, não importando a situação política ou geográfica. Em alguns casos, como a Altoona, Pa., as corporações dominam as próprias cidades onde vivem esses trabalhadores. Noutros casos, como a Gary, Ind., a cidadela do «Trust» do Aço, eles traçaram o plano na cida-

de, juntando-lhe e criando novos sistemas de instrução. Todas as instituições em sociedade — imprensa, tribuna, escolas, — estão sendo modificadas para cooperarem ou receberem a influência das corporações. A Universidade de Cincinnati, por exemplo, dá ensino vocal de todas as espécies relacionado com o emprego actual nos caminhos de ferro e noutras indústrias. O Colégio da União de Schenectady, N. Y., foi praticamente transformado de seminário teológico em um anexo técnico da fábrica Geral de Electricidade. O centro da administração dos I. W. W. será industrial, em vez de político, de harmonia com as tendências da época.

Os I. W. W. ¿ reconhecem a diferença de raças ?

Tanto como as corporações e o patronato quando põem a trabalhar juntas todas as raças para seu exclusivo proveito. E' só quando os patrões precisam destruir a organização dos seus empregados que eles apelam para o ódio de raças. Os I. W. W. recusam auxiliar os patrões no seu trabalho de dividir os trabalhadores levantando a questão de raças.

Os I. W. W. organizam os mineiros mexicanos, os fogueiros espanhóis, os trabalhadores negros de todas as categorias, os pescadores japoneses, os cozinheiros chineses, os construtores índios ; de facto todas as raças, sem olhar á sua religião, côr da pele, formação do crâneo, ou caracolado do cabelo. Desde que sejam trabalhadores e possam desfazer-se dos preconceitos capitalistas, os I. W. W. recebê-los hão com amizade, a todos eles.

A Comissão de Imigração dos Estados Unidos, em 1911, achou que de vinte e uma indústrias fundamentais, quarenta por cento dos salarizados eram nativos e os 58 restantes eram estrangeiros. Dos nativos, uma quinta parte era de nêgros. Avaliem o que isto representaria para uma organização baseada na questão de raças ou de côr. Seria a exclusão da maioria dos trabalhadores. Os seus preconceitos de raça ou de côr podem ter importância, em parte, para o comparativamente pequeno número de aderentes da A. F. of L..

Sobre o caso da imigração, os I. W. W. crêem que isso pode ser regulado por uma organização industrial de trabalhadores, abrangendo todos os países do mundo. Por meio de uma tal organização os trabalhadores poderiam estar precavidos contra as mentiras sedutoras das companhias de navegação e contra as promessas atraentes de salários elevados, trabalho garantido, e adiantamento feito pelas corporações fraudulentas, que procuram trabalhadores baratos e fura-greves.

Os I. W. W. ¿ favorecem a Liga das Nações ?

Decididamente que não ! Aos olhos dos I. W. W. ainda não há uma verdadeira liga de nações. Ha uma liga de extermi-nações capitalistas-imperialistas, secretamente formulada em Paris. O seu primeiro objectivo é exterminar a organização operária mundial que se opõe ao imperialismo e á guerra. O seu segundo e maior objectivo é exterminar todas as tentativas para uma nova ordem social, como na Hungria e na Rússia. Como

o senador Johnson bem disse, «a Liga das Nações é uma tentativa para meter o progresso num colête de forças».

Scott Nearing chama á «Liga das Nações» uma «liga das nações ladras», em cuja organização «o povo» dessas nações não tem tido a palavra. Mostrou depois que ela era composta dos grupos capitalistas predominantes da Inglaterra, da França, do Japão, da Itália e dos Estados Unidos, todos eles corroendo as nações mais fracas, roubando o território e a propriedade, na procura de mercados estrangeiros e lugar para a colocação de capitais. E isto em nome da «lei e da ordem», da «estabilidade», da «cultura» e da «democracia».

Como expressão concreta de «um mundo preparado para a democracia», a liga das nações não passa dum gracejo espantoso. Como tentativa para preparar o mundo para a oligarquia financeira, é uma demonstração da desesperada situação em que actualmente se encontra o mundo-capitalista.

Os I. W. W. favorecem uma liga dos trabalhadores do mundo contra os violadores do mundo. Favorecem a organização dos trabalhadores baseada na indústria mundial para combater contra a guerra e contra os ultrages causados á humanidade pelo capitalismo. Em Itália, os marinheiros recusaram tripular os navios destinados a auxiliar a queda da República Sovietista. Em Seattle, Wash., os carregadores recusaram se a carregar os navios com munições consignadas a Koltchak, o representante militar cossaco do capitalismo cossaco, procurando destruir a Rússia livre. Estes e outros acontecimentos, indicam como uma verdadeira liga de nações se está formando e actuando.

Com as existentes corporações, tendo ramificações por todo o mundo, com invenções como a da navegação a vapor, telegrafia sem fios, aeroplanos, etc., eliminando as distâncias, o tempo e as barreiras nacionais, a organização industrial dos trabalhadores espalhada por todo o mundo é não só possível como necessária. E é necessária principalmente por causa das tentativas feitas por todos os financeiros para dominarem os interesses mundiais. Só os trabalhadores, agindo industrialmente por todo o mundo o podem salvar dos estupendos desastres em que o podem lançar os grupos de interesses em conflito, da oligarquia financeira mundial.

Os I. W. W., ¿ são anarquísticos?

Tudo depende do que se intende por «anarquístico». Segundo o uso popular da palavra, quer dizer recurso á violência, desordem e ilegalidade. Neste sentido do termo, o capitalismo moderno é «anarquístico» e os I. W. W. não o são!

O linchameeto de Frank Little pelos assassinos pagos pela corporação das minas, em Butte, Mass., foi «anarquístico». A deportação dos grevistas de Bisbee por alguns elementos foi «anarquística». O assassinato de cinco dos I. W. W. no vapor Verona, por membros armados do Club Comercial, foi «anarquístico! O assalto ao salão dos I. W. W., em Centrália, foi «anarquístico», como o foi o fusilamento de dezanove mineiros da união, em Butte, em Abril de 1920.

Os I. W. W. ou algum dos seus simpatizantes, ¿ já alguma vez lincharam algum capitalista? ¿ Já alguma vez deportaram 1.200 deles, para o

deserto, ameaçados com a bôca das espingardas? Já alguma vez assassinaram cinco deles, fazendo fogo sobre um barco cerregado deles? «Os I. W. W., ¿ são anarquísticos?» Não pensem nisso!

Ponderem também nas desordens, violências e ilegalidades que se seguem ás guerras e aos cataclismos resultantes da procura capitalista dos mercados mundiais e de lugar para colocação de capitais. Recordem-se então que os I. W. W. são opositos ás guerras, depois do que perguntaeis a vós mesmos se «os I. W. W. são anarquísticos». Perguntai a vós próprios quem é «anarquístico».

Fora da «anarquia» capitalista há, contudo, muitas espécies de verdadeira anarquia. De facto, há mais qualidades de anarquia do que as famosas «57 variedades», ou as várias seitas religiosas do mundo, para não mencionar os numerosos partidos socialistas e uniões de officio. Cada anarquista tem um pouco de anarquia de si mesmo.

Dêste modo, nós respondemos :

Os I. W. W. não são anarquísticos, se anarquia quer dizer Nietzscheanismo prevertido, ou um individualismo grosseiro. Não são anarquísticos, se por anarquia se intende isolação dos grupos e descentralização. Não são anarquísticos, se anarquia quiere dizer utopianismo voluntário, em vez de determinismo económico. Não são anarquísticos, se anarquia quiere dizer opposição ás organizações trabalhadoras baseadas na indústria moderna. Não são anarquísticos, se anarquia quiere dizer ausencia de administração por processos metódicos. Não são anarquísticos, se anarquia quiere dizer o poder dos individuos ou das minorias. Não são anarquísticos, se anarquia quiere

dizer ausência de cooperação num espírito democrático e para fins sociais. Não são anarquísticos, se anarquia quer dizer negação da luta de classes e conservação da classe-média política e económica. Não são anarquísticos, se anarquia quer dizer reacção, ou regresso ao industrialismo pre moderno. Segundo o grande número de variedades anarquísticas, anarquia é tudo isto.

Os I. W. W. não são anarquísticos. São industrial-unionistas. Isto evita, por um lado a impotência da anti-organização do anarquismo, e por outro a burocracia do socialismo de estado. Os anarquistas dizem-se I. W. W., comunistas e socialistas. Quando eles o dizem, só demonstram a anarquia do anarquismo.

VI

Os ideaes dos I. W. W.

Os ideais dos I. W. W. são de caracter moral. São ideais de justiça, de fraternidade para todo o mundo. Nasceram das injustiças do capitalismo, que exige a entrega do produto do trabalho aos lucros, aos interesses e ao rendimento do capital; e depois, compele á subversão de todos os génios e aspirações dos trabalhadores para defesa do sistema que viciosamente os espolia e destroe, desde que tenham ocasião para isso. Contra as injustiças do capitalismo, com as suas extorsões do produto do trabalho e da vida dos trabalhadores, as organizações da classe trabalhadora tem já lutado bastante, até que agora reconhecem, como nunca, que é só pela abolição do próprio capitalismo que se poderão ver livres dele.

Os I. W. W. tentam dar a esta realização uma forma prática. O seu ideal é que a classe trabalhadora se organize industrialmente collocando-se numa situação em que possa tomar conta das indústrias e por esse meio abolir o prussianismo da classe capitalista de todo o mundo, quando surgir a necessidade de uma tal acção, como parece ser cada vez mais evidente.

O ideal dos I. W. W. é a indústria por, para e dos trabalhadores — numa palavra, a democracia industrial. Por um sistema democrático, industrial, os I. W. W. aspiram, não a destruir a indústria, mas a eliminar a sua exploração capitalista, criando por esse meio e a todos os respeitoos uma instituição social mais actualisada do que a presente. Um tal sistema lança a responsabilidade directa da sua existência sobre a maioria dos que constituem a sociedade, isto é, sobre os trabalhadores. Assim a democracia industrial dos I. W. W. quer dizer libertação da classe trabalhadora, da escravidão capitalista. Quer dizer inúmeros beneficios para a sociedade.

Um novo renascimento social

Todas as libertações de classe teem causado um imenso despertar e renascimento social. Quando a classe capitalista em embrião sacudiu os obstáculos do sistema comercial medieval e o direito divino dos reis, o desenvolvimento social avançou o maior passo da história. Quando a classe trabalhadora sacudir a incubação do capitalismo e os direitos divinos da classe capitalista, dará também um impulso sem precedentes no progresso social. Só então serão satisfeitas as inúmeras e latentes possibilidades agora condenadas pelas restrições e proibições do capitalismo — le-

vando deante de si, nesse impulso, muitos dos chamados problemas.

A democracia industrial já está em formação

A classe trabalhadora organizada é já considerada como a precursora da nova democracia industrial, uma democracia em que os extremos da riqueza privilegiada e do poder para os poucos e em que a escravidão, e a miséria extrema e a negação da oportunidade para os muitos sejam transformados no maior dos desenvolvimentos para todos, baseado na igualdade económica e social.

A classe trabalhadora está já mostrando a sua grande capacidade de execução e de organização, o seu alcance e compreensão dos problemas mais graves, nos seus movimentos de cooperação, políticos e operários. Estes envolvem milhões de capital e felicidade humana nunca vistos.

A classe trabalhadora está já demonstrando o conhecimento da ciência de governar nas suas conferências e conflitos com os governos e com os capitalistas, nas declarações de greve e nas questões de importância nacional e internacional. O aumento de aptidões a este respeito é acompanhado pelo aumento de resoluções a conseguir.

A classe trabalhadora está já desenvolvendo grandes individualidades que noutros tempos poderiam ter sido engenheiros, generais, oradores, poetas, etc., nos tempos em que os nomes desses homens brilham com orgulho na imaginação e nos corações dos trabalhadores que tanto apreciam a grandeza como a fraqueza do género humano,